

novas da

galiza

número

- ▶ Denunciam 300 pontos de poluição extrema
- ▶ Europa fecha fronteiras para o casamento real e para o Euro 2004
- ▶ Pretendem construir três barragens na faixa raiana do Minho
- ▶ Sabotagens simultâneas na madrugada do 7 de Abril
- ▶ Educação segregará estudante estrangeiro

Aproveitar o caminho andado
Bernardo Penabade

Nacionalismo precisa de autocrítica
Análise eleitoral

Império Inditex globaliza exploração

Multinacional de Amancio Ortega regista ganhos multimilionários enquanto explora milhares de trabalhadores e trabalhadoras em todo o mundo

Salvador Rosa

Em Maio do ano passado a Polícia espanhola desmantelou na localidade de compostelana de Teo um galpom industrial onde trabalhavam, em condições infra-humanas, 19 imigrantes chineses que confeccionavam roupa para 'Zara', umha das marcas de 'Inditex'. O dono da nave era Wei-Jiong Liu (conhecido como Luís "o chinês"), que antes de meter-se no negócio têxtil era proprietário do restaurante Hong Kong de Compostela.

Posteriormente comprou a empresa 'Confeccions Lucía Landeira SL', que já recebia encomendas de 'Choolet', umha filial de 'Inditex'. Quando a Polícia interveiu a nave onde Liu explorava 19 compatriotas encontrou um escrito em que constava que antes de 30 de Junho deviam estar confeccionadas 28 000 peças de roupa cujo destinatário era 'Zara'. Dos 19 chineses que trabalhavam na nave de Teo, dez tinham a documentação em regra e contrato, mas os outros nove nom. Segundo confirmou a Polícia, os operários asiáticos teriam trabalhado submetidos a horários de entre 15 e 16 horas diárias, jantavam e ceavam na oficina e alguns deles dormiam ali amontoados.

'Inditex' negou desde o início a sua relação com Wei-Jiong mas o juiz que leva o caso, Francisco Javier



Míguez Poza, imputou a multinacional de Amancio Ortega. Assim, Jesús Castro, director geral de 'Choolet', a empresa filial de 'Inditex' que fazia as encomendas à oficina declarou perante o magistrado e dijo desconhecer que a marca 'Lucía Landeira', que havia anos que estava a confeccionar peças para 'Zara', tivesse passado a ser propriedade de Wei-Jiong Liu. Apesar de ter reconhecido o facto de ter mantido polo menos umha reunião com os antigos donos da oficina, o director de 'Choolet' asse-

gurou que nem José Antonio Otero Baña nem Miguel Pérez Fernández lhe dixeram que vendiam a sociedade e só o informáram de que pensavam transferir as suas instalações para Teo. Tempo depois, os ex-proprietários de 'Lucía Landeira' asseguráram diante do juiz que sim o comunicaram a 'Choolet'. Apesar de Míguez Poza ter feito saber ao director de 'Choolet' que o seu testemunho contradizia a versom dos dous sócios, Castro ratificou-se no seu depoimento.

Neste mesmo processo também

compareceu, esta vez a título de testemunha, María del Carmen Balsa Fernández, a supervisora de 'Zara' que se deslocava ao galpom industrial de Teo para explicar aos chineses como confeccionar as peças. Balsa admitiu que tinha ido duas vezes à oficina, umhas visitas em que teria observado surpreendida que "de repente, todos os empregados fossem chineses", e que por isso a filial de Zara "pediu ver os seus contratos".

(segue na página 7)

Reportagem de Ramon Gonçalves

Hoje o 25 de Abril de 1974 é umha data apenas válida para estudiosos e estudosas da história. Bem é certo que nom só, mas daquele pensamento fronteiriço, dinâmico e inclusive contraditório que impulsionou o movimen-

to português ficam apenas uns rescaldos de melancolia. Quando umha revolução descarrila, deixa o lugar ao mito. Sempre nos chama a atençom porque continua tam viva a memória mítica do Abril português.

trinta abris

segunda

novas da
galiza

Editora: Minho Media S.L.

Director: Ramom Gonçalves.

Redacção: Carlos B.G., Marta Salgueiro, J.Manuel Lopes, Antón Álvarez, Ivám García, Alonso Vidal.

Correspondentes: *Compostela,* Beatriz Peres / *Vigo,* Xiana Gonzalez / *Lugo,* Joám Bagaria / *Ourense,* Tiago Peres / *Paris,* J. Irazola / *Madrid,* José R. Rodriguez

Colaboradores: Maurício Castro, Joám Carlos Ánsia, Santiago Alba Rico, Xesus Serrano, Kiko Neves, José R. Pichel, Ramom Pinheiro, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao.

Fotografia: Borxa Vilas, Rosa Veiga, Miguel Garcia, Arquivo NGZ.

Humor Gráfico: Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho +1.

Publicidade: 639 146 523

Imagem Corporativa: Paulo Rico.

Desenho gráfico e maquetación: Miguel Garcia e Carlos Barros.

Correcção lingüística: Eduardo Sanches Maragoto

NOVAS DA GALIZA
Apartado dos Correios 1069
27080 Lugo - Galiza
Tel: 639 146 523
novasgz@novasgz.com

As opinions expressas nos artigos nom representan necessariamente a posicón do periódico. Os artigos som de livre reprodución respetando a ortografía e citando procedencia. É proibido outro tipo de reprodución sem autorización expressa do grupo editor.

Fecho de Edición: 15.04.04

Aproveitar o caminho andado

Por *Bernardo Penabade*

Cumpre-se agora um ano desde que a Asociación Galega da Língua decidira retomar a iniciativa editorial. Nem os mais optimistas pensávamos que os resultados iam ser tam extraordinariamente alentadores. A primeira das publicações –o *Diário Comboio*, de Raquel Miragaia- estava esgotada em menos de dous meses, de jeito que mesmo nos vimos obrigados e obrigadas a adiar alguns dos actos de lançamento já programados. A que é devido, entom, este sucesso? Pois eu considero que a três razons: a) a existência de um canal de edición em galego-português é umha necessidade social, sentida por muitas mais pessoas das que están comprometidas com quaisquer das siglas hoje vigorantes; b) a recuperaçom associativa da própria entidade editora e de outros colectivos reintegracionistas incrementou o público potencialmente interessado; e c) existiu um suporte informativo que deu a conhecer a publicaçom da obra e que foi capaz de a manter como tema de actualidade.

Fago esta referência pontual porque está directamente relacionada com o que vou expor a seguir. Depois do êxito antes assinalado, na associaçom recebemos vários originais (bastantes mais dos que poderíamos atender) com o pedido de estudo de publicaçom. Foi este o motivo polo qual, num período de quinze dias, vimos saídas do prelo cinco novas obras dos géneros literário e ensaístico. Após o correspondente acto de lançamento, celebrado em Compostela no dia 16 de Abril, havia vozes que se manifestavam eufóricas e que estavam ansiosas por conhecerem as referências informativas do dia seguinte. Outros, que já estamos mais que escaldados, tínhamos a certeza de que nos grandes meios nom apareceria nenhuma mençom (ou apareceria só algo testemunhal). Obviamente, cumpriu-se o que temíamos: para esses meios somos umha pura e simples anedota. Dam-nos cobertura exclusivamente em funçom dos seus interesses e, por esta razom, ou nom chegamos ao grande público ou, se o fazemos, mesmo pode ser com umha imagem tam distorcida que devenha contraprodutente. Cada um e umha de nós tem um monte de experiéncias destas. Por isso nom me estendo mais. Visto este panorama, amigos e amigas, a alternativa é clara. Chegou o momento propício para consolidar um meio de



comunicaçom dos do *canal clássico*: em papel, de grande divulgaçom e dirigido activamente ao conjunto dos sectores sociais do País. Ou conseguimos dar vitalidade a esse meio... ou as nossas letras serán vistas sempre polos mesmos olhos. Arriscar ou vegetar: estas som as opçons. Na aposta pola primeira vai-nos a vida.

É perfeitamente possível. Nestes últimos anos o movimento reintegracionista recuperou boa parte da unidade de açom que tanta presença pública lhe tinha dado dous decénios atrás. Os resultados están aí, creio que som evidentes: o recente Fórum da Língua foi um êxito, de público e de iniciativas expostas para o debate; em cidades e cabeceiras de comarca a mocidade agrupa-se para criar centros sociais com critérios culturais próprios (som gente que nom está disposta a *tragar o que lhe botem*); recuperáram-se os cursos de Língua e Literatura, organizados simultaneamente em todo o País; nas festas e espectáculos de cinema e teatro organizados polos diferentes colectivos houvo um público numeroso, com desejo de conhecer mais profundamente as nossas propostas.

Ainda outro argumento para as pessoas mais cépticas. Em Outubro de 1991, o Conselho Nacional da AGAL apoiou activamente um projecto que pretendia incrementar a comunicaçom em galego-português no canal electrónico (com o galego como âmbito geográfico preferente). Esse projecto converteu-se em realidade e chama-se Portal Galego

da Língua. No próximo dia 17 de Maio fai dous anos, que diacronicamente nom som nada. Qual foi a resposta? Hoje, entre 10.000 e 12.000 galegas e galegos (da Galiza, nom das quatro provincias) visitam mensalmente esse meio de comunicaçom. Nom é umha magnífica notícia? Nom é magnífico que nos visitem 1250 pessoas de todos os ámbitos sociais e políticos da República Portuguesa e que façam o mesmo umhas 1500 do Brasil? Estes som números reais. Quem tiver dúvidas, pode verificá-lo. Todos os indicadores coincidem.

É claro que existe procura para o jornal, mas no tema da comunicaçom –como em muitos outros- devemos ter presente a liçom que nos deu a história nestes últimos anos. Nom podemos estar permanentemente a nos aventurar por novos caminhos. Necesitamos de estabilidade. Nom se trata tanto de inaugurar alegremente novas empresas como de consolidar aquelas que som viáveis e que nos permitirám fazer umha política de desenvolvimento sustentável. Digo isto porque sei que **Novas da Galiza** anda na preparaçom de um ambicioso processo expansivo, o qual é umha extraordinária notícia. Tenho à vista a colecçom completa e observo que as equipas técnica e de direcçom realizam de dia para dia um trabalho mais profissional. Temos, pois, um excelente ponto de partida. Creio que contribuir a fortalecer-lo será umha boa prova de madureza, de aproveitar o caminho andado.

sumário



Império Inditex globaliza exploração

NGZ tira para a luz o que realmente se agacha detrás do "fenómeno Zara"

7

Trinta Abris

Ramom Gonçalves evoca a o 25 de Abril português analisando-o 30 anos depois



10



Bascos pola Amnistia

Aproveitando a sua estadia na Galiza, entrevistamos Jon Etxeandia, militante do movimento basco pró-amnistia

12

Dia das Letras

NGZ achega o programa com os principais actos organizados polo movimento de normalização lingüística para o 17 de Maio



13



Sloppy Joe

Achegamos aos nossos leitores e leitoras as últimas promessas musicais no nosso idioma

15

editorial

Inditex, empório da exploração maciça

O império empresarial de Amancio Ortega representa um claro exemplo de exploração selvagem originada e consentida polo sistema capitalista actual. O homem louvado polos media e aclamado mesmo por certos sectores do 'pseudoprogressismo' nom é mais do que umha pessoa hábil e sem escrúpulos, capaz de construir umha fortuna imensa a partir da precariedade de milhares de pessoas.

Inditex conta com um modelo empresarial de gestom pouco usual, mas o chamado milagre nom tem nada de novidade. A dinâmica de acumulação de lucro das multinacionais apoia-se no abaixamento das despesas e, neste aspecto, som os e as trabalhadoras a pagar, com longas jornadas de trabalho e baixos salários. No momento actual, as grandes empresas, nomeadamente as do sector têxtil, espalham-se pelas áreas mais desfavorecidas do planeta para elaborarem parte dos seus produtos com custos ridiculos. Inditex nom fica atrás. Em países como a China, Taiwan, Vietname ou Índia submete centenas de pessoas, mesmo crianças, a um regime de verdadeira escravatura, para transformar as matérias primas.

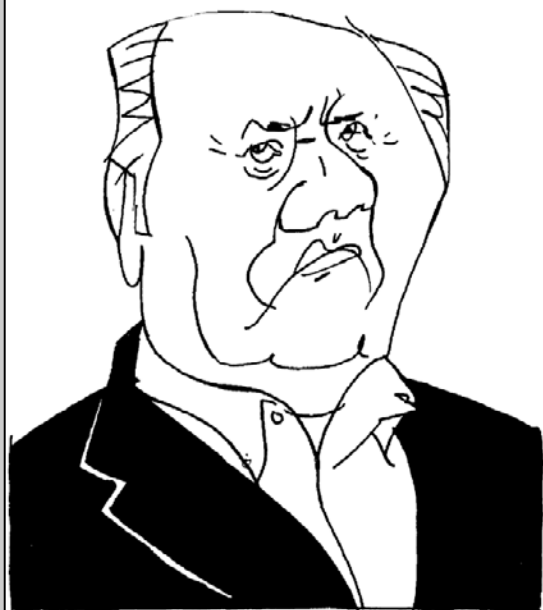
Nom obstante, a exploração gerada por Ortega atinge o próprio país onde viu crescer a sua fortuna. Nom satisfeito com a 'redução de custos' conseguida no chamado "Terceiro Mundo", mantém centos de pessoas na Galiza a trabalhar em condições de precariedade extrema, sem que este facto suscite alerta

social. Os galegos e as galegas continuamos a receber salários mais baixos por fazermos o mesmo que noutras latitudes, e esta injustiça atinge também sectores como o da construção, o da hotelaria, o do metal e tantos outros.

As garras da exploração afectam especialmente as mulheres, que trabalham de forma ilegal nas suas moradas, sem mais segurança salarial que o que recebem por cada peça elaborada, e as que sofrem a precariedade nas fábricas. Amparada por leis feitas à sua medida e, sobretudo, pola ameaça do desemprego, Inditex mantém um sistema produtivo assente na subcontractação, mantendo assim certo anonimato em casos sangrentos como os que mencionamos na reportagem central deste número do Novas da Galiza.

O facto de ser umha 'empresa galega' nunca pode servir como pretexto para justificar o lucro obtido sob misérrimas condições de exploração selvagem. A necessidade de contarmos com tecido industrial próprio é evidente, assim como a urgência de um enquadramento laboral justo e adequado à nossa realidade. Mas isso só vai ser possível com transformações profundas, para as quais devemos caminhar a construir, e ao mesmo tempo a denunciar a situação que padecem as trabalhadoras e os trabalhadores, situação em que assenta a enorme fortuna da pessoa com mais dinheiro do Estado espanhol.

ZARA HOME



Suso Sanmartin

notícias

500 dias depois do afundamento do Prestige, começam a notar-se efeitos ambientais para longo prazo

ADEGA denuncia situação preocupante do litoral ao existirem 300 pontos de poluição extrema

Redacção

A associação ambientalista ADEGA deu a conhecer um relatório da Universidade de Santiago, do departamento de Biología Animal, em que se conclui que 500 dias depois do afundamento do Prestige, a mortandade das espécies marinhas foi devida ao contacto directo com o fuelóleo e às afecções tanto no ciclo reprodutivo como nas capacidades fisiológicas. No caso de espécies de interesse comercial, a exploração das mesmas viu-se drasticamente minguada, situação contra-arrestada em boa parte pelas boas condições oceanográficas do ano 2003. Quinhentos dias depois da catástrofe provocada pelo Prestige nas nossas costas, a Associação pola Defensa Ecológica da Galiza, denunciou a existência de 300 pontos de poluição extrema por acumulação de fuelóleo, sobretudo

entre o monte Louro e as Ilhas Sisargas.

Manifestaram ainda que continua a chegar piche ao litoral galego e ao Cantábrico. A isto cumpre acrescentar a poluição de 20 pontos da Rede Natura, segundo confirmou o biólogo de ADEGA, Marinho Nercelhas.

Por outro lado, a associação concluiu que "nom se tomáram as medidas oportunas para evitar outra catástrofe ou a minimização dos seus efeitos". O litoral galego nom é umha Área Marítima Especialmente

Sensível e nom existe um plano de contingências por poluição accidental dotado dos meios materiais e humanos suficientes. Continuam sem estar definidas as áreas de refúgio, tal como exige a directiva comunitária. Pom-se de manifesto ainda que nom se conhece exactamente onde está o fuelóleo que falta, nem se conhece nada acerca dos estudos epidemiológicos.

Por outro lado, o navio de



As conseqüências do Prestige som ainda notáveis em numerosos pontos do litoral galego

Greenpeace "MV Esperança" recordou também os 500 dias de afundamento do Prestige na Corunha. Sob a legenda "Nom

Esquecemos" a presença do barco lembrou às autoridades que 'nom podem esquecer o Prestige' e que devem pôr em prática 'medidas reais de protecção para recuperar os ecossistemas afectados e evitar assim umha nova maré negra'.

Marcha Mundial aguarda que restrição da livre circulação na Europa nom repercuta na cita de Vigo e espera participação de 30 000 mulheres

Europa fecha fronteiras para o casamento do príncipe espanhol e para o Euro 2004

Redacção

O casamento do príncipe espanhol e a celebração do Euro 2004 em Portugal calha nas datas com a Marcha das Mulheres Europeias em Vigo, prevista para os dias 22 e 23 de Maio. Os últimos acontecimentos em Madrid no passado dia 11 de Março levaram a justificar a restrição da livre circulação de pessoas em toda a Europa. Espanha e Portugal fecharão as fronteiras e será necessária a verificação da identidade em cada umha das passagens fronteiriças. Do ponto de vista da Marcha Mundial das Mulheres, a coordenadora galega considerou

esta medida "desproporcionada, sobretudo quando se tem estado a fazer bandeira da livre circulação de pessoas como alicerce da União Europeia, e num momento em que esta União será ampliada a dez países".

Sublinham na organização das mulheres que as afectadas serão 'as pessoas pertencentes a países e culturas sob suspeita, do ponto de vista ocidental'. De qualquer modo, a organização 'espera' que esta medida nom venha a afectar o encontro europeu da Marcha.

As anfitriãs aguardam a presença de 'cerca de 30 000 mulheres' a participar na mobilização europeia da Marcha

Mundial de Mulheres. Lutar contra a pobreza e a violência de género som os objectivos da cita com a plataforma nascida no Quebeque e da qual fazem parte organizações de todo o planeta. Depois das mobilizações de Bruxelas, Washington e Nova Iorque, a coordenadora europeia decidiu celebrar a mobilização na cidade de Vigo, nos dias 22 e 23 de Maio de 2004. Queriam desta forma expressar 'a solidariedade com as mulheres galegas depois da catástrofe do Prestige'

Está-se a trabalhar intensamente no programa que inclui umha Feira Feminista, três fóruns de debate e reflexão de ideias, um

concerto e umha manifestação que se "prevê multitudinária". A Feira Feminista e os fóruns desenvolverão-se no sábado dia 22. À volta de trinta mil mulheres chegarão a Vigo

durante estes dois dias porque "apesar da distância" as mulheres querem ser ouvidas no processo de redacção da futura Constituição Europeia.



Fenosa e EDP pretendem construir três barragens na faixa raiana do Minho

Redacção

Depois de ter fracassado o projecto de construir a barragem do Sela, no rio Minho, as empresas eléctricas apostam agora num plano alternativo. Unión Fenosa e a portuguesa EDP (Eléctrica de Portugal) preveem levantar três barragens de treze metros de alto num trecho de apenas 23 quilómetros de rio, entre o Condado e o Vale do Minho. Segundo fontes do semanário "Expresso", o desenho foi acordado na última cimeira entre Aznar e Durão Barroso e mantido posteriormente em segredo. Actualmente, está ratificado por ambos os governos estatais e pola Junta da Galiza. Os pretendidos aproveitamentos energéticos farám-se através de duas centrais em Crescente e nas Neves e umha outra em Melgaço. Designados por "saltos escalonados", as chamadas minicentraís som apresentadas polos seus promotores como a soluçom aos problemas que ocasionaria a contestada barragem do Sela. Nom obstante, as "comportas para espécies migratórias" nom impedirám o deterioro da vida da lampreia ou o sábel, e a reduçom da altura nom evitará a inundaçom de 208 hectares de terra, nas quais se encontram importantes plantaçons de videiras, um dos motores económicos das vilas raianas. Para além disso, esta faixa do Minho já foi proposta para a Rede Natura 2000. Os agentes sociais das zonas afectadas estám em alerta. Assim, o colectivo ambientalista ADENCO já manifestou a sua oposiçom a um "projecto que dá luz aos verdadeiras propósitos destas empresas: esgotarem os recursos naturais de que ainda dispomos sem terem em conta a necessidade deles". Também se opugérom a estes projectos organizaçons políticas como o BNG e NÓS-UP, e ainda a Sociedade Cultural e Desportiva (SCD) do Condado. Os presidentes de Câmara de Crescente, as Neves, Arvo e Salvaterra ainda nom emitírom

nenhum posicionamento oficial, embora já se intua a desaprovaçom das represas por parte destas câmaras municipais. Por sua vez, os autarcas portugueses de Melgaço e Monçom criticárom o projecto polo seu secretismo e qualificam-no de inecessário, já que os parques eólicos previstos no Vale do Minho garantirám o pleno abastecimento energético.

MIBEL: um pacto à medida de Fenosa e EDP

As pretensons da aliança entre Fenosa e a EDP respondem ao pacto atingido entre Aznar e Durão Barroso para desregular a comercializaçom de electricidade entre o Estado espanhol e Portugal a partir do dia 20 de Abril, o Mercado Ibérico da Electricidade (MIBEL). Fenosa é umha das principais beneficiárias, já que a Galiza dirige para Portugal 59% do total da energia exportada no Estado e, aliás, os preços da electricidade para o consumo doméstico português som 20% mais caros. O MIBEL reforça a privatizaçom do mercado da energia, que fom pin ao seu conceito de serviço público. E as grandes empresas eléctricas passam a dominar um espaço peninsular com 50 milhões de consumidores e consumidoras. A EDP era a companhia pública de electricidade portuguesa. Actualmente, o Estado só detém 30% do corpo de accionistas e já anunciou a completa privatizaçom da empresa que domina 95% do mercado luso. É a única eléctrica que produz e distribui energia em toda a península, através do controlo de Hidroantábribo, e também tem interesses imobiliários e gaseificadores. Conta com presença na América Latina, na África e em Macau. União Fenosa está interessada em realizar alianças ou investir na UDP, visando o mercado português. No entanto, exige a completa privatizaçom da companhia portuguesa para atingir novos acordos. de Cabral para realizarem umha nova assembleia informativa.

Análise eleitoral 14-M

■ A.V

Nacionalismo na Galiza precisa de autocrítica

Após os resultados das últimas eleições estatais, a saúde do nacionalismo na Galiza começa a preocupar. O Bloco perdeu, em apenas quatro anos, um terço do seu apoio popular. A direcçom culpa o 11-M e o voto útil, mas outras vozes da frente oferecem versons diferentes e apontam erros ou ambigüidade na mensagem, candidaturas inadequadas e falta de abertura à sociedade. A FPG continua a diminuir o seu apoio localizado. Por outro lado, o abstencionismo activo que propugnava NÓS-UP tivo escasso sucesso, e ficou polo nível mais reduzido desde as primeiras eleições estatais de 77.

Forte descida do BNG

O BNG baixou significativamente em todas as vilas e cidades do País, incrementando-se a tendência para a perda de apoio eleitoral desta frente, iniciada já nas eleições galegas passadas e confirmada nas autárquicas. A descida produziu-se nomeadamente nos feudos onde o BNG mantinha certa presença, isto é, nos núcleos urbanos. Há quatro anos o Presidente da Câmara Municipal da maior cidade galega era do BNG. Nas eleições de 2000, na cidade olívica verificou-se um empate técnico em torno dos 36 000 votos. Só quatro anos depois, o 14-M marca umha diferença máxima entre o PSOE e o BNG em Vigo de mais de 56 000 votos. As interpretaçons políticas da queda e as relaçons com a crise da coligaçom na Câmara Municipal nom se fazem esperar. Mas Vigo só foi o caso mais significativo, com umha perda de 44% dos votos. Noutros lugares do País acontece o mesmo: cidades e vilas de tamanho médio acusárom o declínio do BNG que ronda o 30% dos apoios na maioria dos casos. Em alguns, como Noia ou Fene, este declínio mesmo se aproxima de 40%. O forte aumento da década de noventa, parece nom estar a ter continuidade, e agora todo o aparelho orgânico do Bloco nom consegue aguentar a força de um PSOE semidescabeçado na Galiza, que aliás funciona exclusivamente como marca publicitária.

Parece evidente que os votos alternam entre o PSOE e o Bloco sem que isso suponha umha mingua significativa de votos para o PP. O BNG tentou moderar-se para conseguir mais votos, mas a sua moderaçom discursiva coincidiu com a época de maior contestaçom social ao PP. "É como se o Bloco - comentam fontes da organizaçom - andasse ao contrário do que calha. Quando o BNG se mostrou intransigente, a sociedade queria diálogo, e quando o Bloco começava a aceitar o diálogo, a moderar-se face ao PP, a sociedade pedia mais contestaçom."

A direcçom evita relacionar estes resultados com a crise interna nom fechada na última assembleia da Corunha. A afirma que isto nom pode ser extrapolado às eleições galegas. Porém, indubitavelmente, a actual situaçom condiciona a hipótese de, num cenário sem maioria absoluta do PP, ser o BNG a liderar a alternativa.

	2000	2004	Percent. de descida
Alhariz	1759	1267	28%
Carnota	791	447	43%
Carvalhinho	1351	991	26%
Compostela	11233	7395	34%
Fene	2959	1775	40%
Ginzo	903	631	30%
Lalim	1851	1267	31%
Marim	2181	1563	28%
Mugia	585	326	44%
Noia	1616	1056	35%
Ponte-Areias	1705	1453	14%
Ponte-Vedra	9035	6378	29%
Porriño	1832	1336	27%
Redondela	3351	2390	28%
Tui	1534	1105	28%
Verim	1141	832	27%
Vila Garcia	3511	2425	31%

Percentagem de voto perdido polo BNG nalgumas localidades nas que até o 14-M o apoio a esta força era especialmente significativo.

Tomar medidas

Segundo pudo saber NGZ, no BNG visam fortalecer organizativamente a frente, corrigindo políticas erradas e métodos de trabalho defasados. Também se propugna ampliar o BNG, com políticas de formaçom interna e promoçom de novos quadros. Outro objectivo pretenso é aproximar-se definitivamente da mocidade, sector social nutriente de votos que tem sido abandonado.

NOS-UP à procura de espaço

O independentismo de NÓS-UP também caminhou em direcçom contrária, ao propugnar a abstençom activa nas eleições de maior participaçom desde o franquismo. O resultado nom foi bom, ainda que nessa formaçom seja valorado como "satisfatório" porquanto "o núcleo mais intransigente e fanatizado do imperialismo espanhol foi derrotado". Um comunicado afirma que "o BNG, junto com o PP, foi o grande perdedor. A orientaçom autonomista do BNG a sua homologaçom às teses do capitalismo espanhol, da mesma maneira que tinha acontecido nas autonómicas de 2001, provocárom a perda de um terço dos apoios eleitorais". Nom explicam, porém, onde teria acabado esse terço de votos nom autonomistas e anticapitalistas, pois parece evidente o facto de nom se terem inclinado pola abstençom propugnada.

FPG nom consegue crescer

Ao contrário de NOS-UP, a Frente Popular Galega sim concorreu nas eleições estatais. Embora os mínimos resultados desta organizaçom pouco variassem desde 1989, o balanço pode considerar-se negativo, passando de 3657 votos naquela altura a 1888 este ano. A maior zona de influença da Frente continua a estar no Morraço, sendo as dificuldades para espalhar a sua mensagem mais do que evidentes.



Sabotagens em Lugo, Teo e Vigo na madrugada do 7 de Abril

NGZ. A madrugada do passado dia 7 de Abril registou três sabotagens diferentes nas localidades de Lugo, Teo e Vigo, segundo indica um comunicado recebido por Novas da Galiza. Em Lugo "vários artefactos incendiários danificáron a fachada e o interior do escritório que Soluziona tem perto da Avenida da América". Em Teo, explosivos do mesmo tipo "destruíron um camião de grande tonelagem empregado nas obras do segundo cinturón periférico", da mesma maneira que em Vigo. O comunicado, nom assinado, afirma que "Soluziona é umha filial de Fenosa, empresa responsável pola imminente desfeita de muitos dos nossos rios através de micicentrais, com umha sinistra tradiçom contra o Povo Galego". A respeito da sabotagem de Teo, assinala que "Mahía é umha conhecida empresa especuladora, responsável pola desfeita urbanística de amplas zonas do nosso rural", e em relaçom com a açom de Vigo aduz que o "segundo cinturón de Vigo é umha obra impopular que causará danos irreversíveis no rural vigués sem deixar beneficio algum para as classes trabalhadoras". Conclui salientando a censura informativa dos "meios de comunicação do regime" e com três palavras de ordem: "Contra o silenciamento e a censura, livre informação", "Contra as agressões à nossa Terra, açom" e "Viva Galiza Ceive e Socialista".

Novo centro social em Compostela

NGZ. NÓS-UP vem de abrir o seu próprio espaço, agora melhorado, num rés-do-chao da rua Quiroga Palacios. O local, que leva o nome de *Henriqueta Outeiro* em homenagem à militante comunista e guerrilheira de Castro Verde, soma-se ao tipo de iniciativas postas em andamento em diferentes zonas do país. NÓS-UP manifestou a sua vontade de que "o novo espaço cumpra a sua funçom como lugar de convívio para a socializaçom dos projectos da esquerda independente e dos princípios do reinte-gracionismo lingüístico".

Educaçom confinará estudantado estrangeiro em determinados centros

Redaçom

A ordem da Conselheria da Educaçom pola qual se estabelecem "as medidas de atençom específica ao alunado procedente do estrangeiro", publicada no D.O.G em 26 de Fevereiro de 2004, está a levantar receios entre o sindicalismo nacionalista, educadores e educadoras e, em geral, entre todo o professorado do País.

Por meio desta norma, os alunos e as alunas estrangeiras vam ser concentradas e dirigidas a determinadas escolas da Galiza. No artigo quarto desta ordem, fica estabelecida a criaçom de "centros específicos" para atender este alunado.

Para além disso, nom é sequer contemplada a dotaçom de professorado de apoio, no caso de serem menos de 25 alunos e alunas as que se encontrarem nesta situaçom educativa.

Dentro desta escolarizaçom específica, também se estipula, entre as medidas organizativas, a criaçom de "agrupamentos flexíveis", de carácter temporário. Quer dizer, dentro dos "guetos" vai haver novos grupos diferenciados.

Também se contemplam os "agrupamentos flexíveis de aquisiçom de línguas", por um período máximo



de um trimestre, para o alunado que desconheça o galego e o espanhol. Para configurar estes agrupamentos, nom é preciso que os estudantes pertençam à mesma turma ou ciclo, é suficiente apenas estarem na mesma etapa educativa. De igual modo, o professorado encarregado de leccionar aulas nestes agrupamentos nom há de ser especialista nessas cadeiras obrigatoriamente. Estabelecem-se também, no segundo e terceiro ciclos da Educaçom Primária e na ESO, os "Grupos de adaptaçom da competência curricular", para aqueles alunos e alunas

que apresentem umha defasagem curricular de dous ou mais anos lectivos a respeito do ano que lhes corresponde por idade. Estes poderám ser colocados numha fracçom da jornada escolar e podem prolongar-se durante todo o ano académico. Novamente, para configurar estes grupos, nom é preciso que o alunado pertença ao mesmo ano académico ou ciclo, é suficiente com que esteja englobado na mesma etapa educativa.

Fontes consultadas da CIG-Ensino manifestáron que o alunado estrangeiro vai ser concentrado em deter-

minados centros educativos, com certeza públicos, e escolarizados em "guetos", nos quais é provável que se venham a acentuar as dificuldades, tanto de integraçom social, como de aprendizagem. Estes estudantes vam relacionar-se constantemente com companheiros e companheiras que apresentam as mesmas didiculdades de integraçom social, lingüística e de aprendizagem em geral. Ainda, julgam muito negativamente o facto de que nom haja possibilidade de que este alunado seja atendido por professorado de apoio e especialista.

Alecrín denuncia cumplicidade dos presidentes das câmaras do Val de Orras com a prostituiçom

Redaçom

A presidenta do colectivo Alecrín, Ana Míguez anunciou que a associaçom viguesa comparecerá como açom popular na causa aberta pola detençom de seis pessoas que regiam o clube de prostituiçom Scala 2000 em Vila Martim. Neste clube, fôrom retidas contra a própria vontade quatro mulheres paraguaias. Míguez denunciou também que os presidentes das três câmaras municipais da comarca do Val de Orras, quer dizer o Barco, a Rua e Petim

nom están a implementar políticas para erradicar a prostituiçom, evitar a sua proliferaçom e impedir o que está a acontecer nestes estabelecimentos.

Ana Míguez recordou que os três presidentes dos municípios mencionados "acudírom, potencializárom e aplaudírom" umha ceia-convívio organizada pola Associaçom Nacional de Locais de Alterne, que aglutina os proprietários destes estabelecimentos em todo o estado. O convívio celebrou-se no Val de Orras quando o presidente da asso-

ciaçom mencionada era um empresário da comarca. Com esta situaçom, a presidenta de Alecrín considerou que "é difícil que as escravas sexuais dos clubes podam recorrer à policia ou à Guarda Civil, e é necessário valorizar até que ponto os nossos políticos deveriam evitar que este tipo de cousas acontecessem. Vejo-o muito difícil com presidentes como o daqui (do Barco) e os dos outros concelhos, porque eles também som cúmplices do tratamento que estas mulheres recebem e por cima assistem a actos de

apoio aos prostibulos". No mesmo clube Scala 2000 há 14 mulheres mais, denunciou Alecrín, de nacionalidade brasileira, que vivem "numha situaçom penosa" e que devido "às pressons de que som objecto nom denunciaram". Umha destas mulheres tentou nos últimos tempos suicidar-se numha ponte de Vila Martim do Val de Orras. Ana Míguez indicou também que as famílias de quatro mulheres paraguaias que se atrevêrom a denunciar a sua retençom ilegal já recebêrom ameaças no seu país de origem.

Cantón do S. Bieito, 4 - COMPOSTELA
Loja de Abastos - PONTE-CEZURES
GALIZA

GARIGOLO

...Café - Teatro...
Praça da Algalia de Arriba, 1
COMPOSTELA

A Reda
rua trás de salome
santiago

MARIÁ CASAÑA
Raiña, 19 - Tlf. 981 56 01 37
SANTIAGO de COMPOSTELA

Centro Social

Henriqueta Outeiro

COMPOSTELA
Quiroga Palacios, 42 (rés do chao)
☎ 981 563 286

reportagem

Multinacional de Amancio Ortega regista ganhos multimilionários enquanto explora milhares de trabalhadores e trabalhadoras em todo o mundo

Império Inditex globaliza exploração

O sucesso comercial de 'Zara'- e por conseguinte da sua matriz 'Inditex'- é possível porque milhares de pessoas som exploradas

actualmente em todo o mundo. À medida que o seu proprietário, Amancio Ortega, vai escalando postos na lista das pessoas mais ricas

do planeta, o trabalho torna-se mais duro para os operários e operárias das fábricas que a companhia dele tem por todo o mundo.

Salvador Rosa

Amancio Ortega Gaona nasceu a 28 de Março de 1936 na localidade leonesa de Busdongo. O pai dele era ferroviário e a mãe trabalhadora doméstica. Após ter passado a infância em Tolosa (País Basco), a família transferiu-se para a Corunha. Casou cedo com Rosalía Mera Goyenechea, uma empregada da camisaria La Maja, de cujo matrimónio nasceram dois filhos, Marcos e Sandra. Começou a sua carreira empresarial como estafeta, lá para a década de cinquenta, numa loja de confecção têxtil da Corunha. Com a passagem dos anos ganhou experiência no sector trabalhando em diferentes estabelecimentos, até que decidiu reproduzir, elaborar e vender batas “de boatiné” mais baratas que a concorrência sob a ideia de que o maior benefício na indústria têxtil se obtém na venda a retalho. Com o dinheiro ganho neste negócio, em 1963 abre uma oficina na Corunha com o nome de ‘Confecções GOA’.

Ortega controlava todo o processo, adaptando-se continuamente à procura e às últimas tendências. Em 1989 decide vender no estrangeiro. Deste maneira nasce ‘Indústrias de Desenho Têxtil Sociedade Anónima’ (‘Inditex SA’), grupo que abrange até 17 sociedades de fabricação, 17 de comercialização e outras tantas de diversos sectores (Banco Galego, Fundos Galiza, concessionárias de Audi, Mitsubishi, Porsche, Toyota, Desportivo da Corunha e Antena 3 Televisom). Para fazermos ideia da capacidade económica desta rede empresarial, basta observarmos as previsões económicas para este ano: ‘Inditex’ pretende investir um total de 690 milhões de euros, 15 por cento mais que no ano anterior. Estes investimentos serão destinados à abertura de lojas, centros logísticos e reformas. Do mesmo modo, a companhia prevê abrir perto de 360 novas lojas na Europa (seguindo a política de uma por dia), mormente na



Itália, na Alemanha e no Reino Unido, segundo anunciou o vice-presidente e conselheiro delegado do grupo, José María Castellano.

Castellano explicou também que a companhia decidiu basear o seu crescimento nos próximos anos no reforço da presença nos mercados em que opera, sobretudo nos europeus. A empresa já está presente na actualidade em 48 países com oito cadeias de moda e 1800 estabelecimentos. O grupo fundado por Amancio Ortega conta, entre outras, com as marcas ‘Massimo Dutti’, ‘Stradivarius’, ‘Pull&Bear’, ‘Bershka’, ‘Kiddy’s’, ‘Oysho’ e ‘Zara’. Esta última gera 72 por cento das vendas de ‘Inditex’, que no ano passado somaram 3974 milhões de euros. Este elevado volume de vendas propiciou que Amancio Ortega e a ex-companheira dele, Rosalía Mera, figurem entre as pessoas mais ricas do planeta.

A história de Amancio Ortega

pode semelhar a de um homem feito a si mesmo, no entanto, sempre escondeu, desde os primórdios do império Inditex, a exploração do esforço alheio através da economia subterrânea e do trabalho em condições precárias. Esta economia subterrânea espalhou-se da Galiza para o norte de Portugal, criando-se a filial lusa de Zara, e a partir daí a descolagem no Estado francês, na Grécia, no Luxemburgo, na Bélgica, na Itália, na Alemanha e no Reino Unido. Mesmo em Nova Iorque abrem lojas fornecidas com o material fabricado no México.

Estas condições de mão de obra precária acabaram por atingir também Marrocos, Turquia, Grécia, Hungria, Ilha Maurício, Pequim, e especialmente países asiáticos como Taiwan, Coreia do Sul, Vietnam ou Índia. De todos estes lugares recebe Zara, em Arteijo, as fazendas cortadas —como retalhos a efeitos alfandegários— em diferentes modelos,

que serão posteriormente encaixadas pelas cooperativas e oficinas, submetidas implacavelmente à pressão do ‘just in time’ (mesmo a tempo). Esta diversidade de fornecedores dá-lhe uma flexibilidade que lhe permite marcar o preço da matéria prima, e também da mão-de-obra. O orçamento da produção, desta maneira, vem fixado pelo preço a que é suposto poder ser vendido o produto no mercado.

O sistema ‘mesmo a tempo’ implica que a empresa não quer reservas de produção e pretende abastecer tudo o que a procura, num dado momento, pedir. Mas estas condições obrigam as oficinas a verificarem fortes oscilações de trabalho, passando de terem o pessoal parado a meses de trabalho com jornadas laborais de 13 a 16 horas, inclusive com noites sem dormir, tudo por um salário mínimo para sobreviver. A este horário infra-humano devemos acrescentar as condições péssimas de trabalho:

pouca luz, muito barulho, não se podendo sentar, encarregados com atitudes prepotentes, etc.

Algumas testemunhas recolhidas narram casos de encarregados que chegavam mesmo a espezinhar a roupa dizendo que era uma merda. Se alguém protestava pelas condições do trabalho, as frases mais utilizadas pelos chefes eram: “Olha, se não concordares, lá fora estão os pretos a desejar trabalhar”. As trabalhadoras som cientes disto, por isso, depois de trabalharem dez horas diárias muitas vezes recebem apenas por cinco e assinam por oito. Para arredondar o salário que ronda as 90 000 antigas pesetas, algumas empregadas dobram o trabalho com um horário que vai das oito da manhã até à meia-noite com tam-só 15 minutos para jantarem.

A doutora em Psicologia do Trabalho e das Organizações, Mar Iglesias, descreve num estudo intitulado “Panorâmica sociológica do sector têxtil galego” a

imagem típica da fabricante têxtil galega na economia subterrânea: "Grupos de mulheres que acodem às oficinas na hora assinada com o carrinho da compra, para recolher o material e levá-lo para casa." A proliferação do trabalho clandestino sem Segurança Social existe não apenas em redor das oficinas subcontratadas por 'Inditex', também atinge outras grandes firmas como 'Caramelo', 'Adolfo Domínguez', 'Roberto Verino' ou 'Mango'.

Oficinas clandestinas no Estado espanhol

Em Maio do ano passado a Polícia espanhola desmantelou na localidade compostelana de Teo um galpão industrial onde trabalhavam, em condições infra-humanas, 19 imigrantes chineses que confeccionavam roupa para 'Zara', uma das marcas de 'Inditex'. O dono da nave era Wei-Jiong Liu (conhecido como Luis "o chinês"), que antes de meter-se no negócio têxtil era proprietário do restaurante Hong Kong de Compostela.

Posteriormente comprou a empresa 'Confeções Lucía Landeira SL', que já recebia encomendas de 'Choolet', uma filial de 'Inditex'. Quando a Polícia interveio a nave onde Liu explorava 19 compatriotas encontrou um escrito em que constava que antes de 30 de Junho deviam estar confeccionadas 28 000 peças de roupa cujo destinatário era 'Zara'. Dos 19 chineses que trabalhavam na nave de Teo, dez tinham a documentação em regra e contrato, mas os outros nove não. Segundo confirmou a Polícia, os operários asiáticos teriam trabalhado submetidos a horários de entre 15 e 16 horas diárias, jantavam e ceavam na oficina e alguns deles dormiam ali amontoados.

'Inditex' negou desde o início a sua relação com Wei-Jiong mas o juiz que leva o caso, Francisco Javier Míguez Poza, imputou a multinacional de Amancio Ortega.

Assim, Jesús Castro, director geral de 'Choolet', a empresa filial de 'Inditex' que fazia as encomendas à oficina declarou perante o magistrado e dijo desconhecer que a marca 'Lucía Landeira', que havia anos que estava a confeccionar peças para 'Zara', tivesse passado a ser propriedade de Wei-Jiong Liu.

Apesar de ter reconhecido o facto de ter mantido pelo menos uma reunião com os antigos donos da oficina, o director de 'Choolet' assegurou que nem José Antonio Otero Baña nem Miguel Pérez Fernández lhe disseram que vendiam a sociedade e só o informaram de que pensavam transferir as suas instalações para Teo. Tempo depois, os ex-proprietários de 'Lucía Landeira' asseguraram diante do juiz que sim o comunicaram a 'Choolet'. Apesar de Míguez Poza ter feito saber ao director de 'Choolet' que o seu testemunho contradizia a versão dos dois sócios, Castro ratificou-se no seu depoimento.

Neste mesmo processo também compareceu, esta vez a título de testemunha, María del Carmen Balsa Fernández, a supervisora de 'Zara' que se deslocava ao galpão industrial de Teo para explicar aos chineses como confeccionar as peças. Balsa admitiu que tinha ido duas vezes à oficina, umhas visitas em que teria observado surpreendidas 28 000 peças de roupa cujos empregados fossem chineses", e que por isso a filial de Zara "pediu ver os seus contratos".

Pouco tempo depois, os "Mossos de Esquadra" detinham em Badalona três cidadãos chineses acusados de explorar 21 compatriotas, a maioria sem autorização de residência, que trabalhavam 16 horas diárias a 17 cêntimos de euro a peça. A oficina de confecção trabalhava as 24 horas do dia e os empregados moravam nas mesmas instalações em condições infra-humanas. O proprietário do negócio produzia para 'Zara' e



'Berska', e na oficina fôrom encontradas numerosas etiquetas de Inditex. A companhia reconheceu que se tratava de uma oficina subcontratada por eles. As inquirições indicam que o negócio ilegal de Badalona guarda alguma relação com a oficina desmantelada em Teo, e de facto existem alguns indícios que apontam nesse sentido: em ambos os locais fôrom encontradas etiquetas de 'Zara' e outras marcas de 'Inditex' e, ainda, o parceiro de Luis "o chinês", Jianlin Zhu, reside em Barcelona e dedica-se à confecção.

Durante o ano passado, a Polícia desmantelou pelo menos 24 oficinas clandestinas de confecção (19 na Catalunha, três em Madrid,

uma em Sevilha e a de Teo). Todas funcionavam de modo semelhante: entre cinco e doze pessoas com horários de até 17 horas, em locais que às vezes nem tinham nem água, embora os imigrantes morem neles.

Exploração brutal no exterior

Mas ainda pior é a situação dos trabalhadores do sector têxtil no denominado "Terceiro Mundo". Um relatório da 'Campanha Roupa Limpa' publicado por 'Intermon Oxfam' denuncia que empresas têxteis do Estado espanhol, Inditex entre elas, utilizam em Marrocos oficinas irregulares para baratear os custos de produção, contratando ou subcontratando pessoas de todas as idades

que trabalham em condições precárias por uns salários ínfimos.

A 'Campanha Roupa Limpa' (CRL) é uma iniciativa internacional que visa melhorar as condições laborais no sector têxtil. A CRL trabalha activamente em 12 países europeus, e formam-na coligações de sindicatos e ONG's (de consumidores, investigação, comércio justo, juventude, organizações de mulheres, grupos solidários, etc.) No Estado espanhol está coordenada por 'Setem' desde 1997, contando já com o apoio de mais de 80 organizações.

Depois de um ano de investigações em dúzias de oficinas têxteis em Tânger (Marrocos), a 'Setem' demonstrou que determinadas firmas subcontratam com oficinas que violam gravemente importantes direitos humanos e laborais. Segundo Setem, 60 por cento das oficinas de Tânger que contratam trabalhadoras em condições "sociolaborais totalmente precárias e inaceitáveis", produzem para marcas conhecidas do Estado espanhol. Entre elas, 25 por cento produz para 'Inditex', outro 25 por cento para 'Mayoral' e 15 por cento para 'El Corte Inglés'.

'Setem' afirma que as inquirições iniciais constituem apenas "a ponta do iceberg" e que os dados "podem ser extrapolados às mais de 500 oficinas informais da zona de Tânger". No relatório feito público por esta organização som detalhados os abusos e violações a que som submetidas as trabalhadoras têxteis. Acontece normalmente que as relações laborais se iniciam sem transparência quanto às condições de trabalho, o salário não corresponde às horas trabalhadas, que costumam ser dez diárias e ainda som descontadas as despesas por regalias sociais que não existem, já que nenhum operário das oficinas está filiado à Segurança Social. Às vezes, crianças e adolescentes de 14 a 16 anos trabalham uma noite inteira

avante DISTRIBUIDORA TEXTIL
RUA DO VILAR 13 BAIXO
32005 - OURENSE
TELEF. 619 419 338

Preenche este cupom, recorta-o e envia-o ao endereço aqui indicado. Faz o teu pagamento mediante ingresso bancário na conta número 20800261280000206544 de Caixa Nova (acrescentando 3 € de gasto de envio) ou bem contra-reembolso (somando 6 € de gasto de envio). No seu caso, anexa cópia do justificante do ingresso.

Num. Referência:
Cor: **Talha:**
Nome:
Apelidos:
Endereço:

LOGO COMITÉ REVOLUZIONAREO ARREDISTA DA HAVANA
CAMISETA AZUL OU PRETA
7 EUROS

GALIZA CEIVE

GALIZA CEIVE
CAMISETA AZUL OU PRETA
7 EUROS

A FOUCE PERIODICO GALEGO

A FOUCE PERIODICO GALEGO
CAMISETA AZUL OU PRETA
7 EUROS

depois de toda a jornada. Em caso de gravidez perdem o seu emprego, sendo descontados, aliás, os dias nos trabalhados por doença. Também são frequentes os acidentes de trabalho devido à existência de umha maquinaria velha e obsoleta em condições de falta de ventilação e luz natural. Perante um acidente laboral, as despesas dos medicamentos som por conta da operária e esta não receberá durante os dias que dure a convalescença. O conceito de doença profissional é inexistente apesar do alto índice de doenças dermatológicas polo contacto com os tecidos. As doenças mais frequentes nos respiratórias, por poluição ambiental, ou lombares devido a posturas inadequadas. O trabalho infantil está generalizado nestas fábricas. Crianças de entre 12 e 16 anos ocupam postos de última categoria, cortando fios ou transportando caixas de tecidos de umha cadeira à outra. Algumas crianças cosem à máquina antes dos quinze anos. Som crianças que trabalham umha jornada completa e ao mesmo ritmo que os adultos, mas com menor salário. Às vezes sofrem maus tratos físicos e também assédio sexual. Neste sentido, som reveladoras as palavras do vice-presidente de 'Inditex', José María Castellano, quando afirmou que "nalguns países, se dispensarmos destes rapazes e raparigas para trabalhar é pior, porque é um problema para as famílias, já que podem mesmo acabar a prostituir-se. Nós tentamos é mudar o entorno a pouco e pouco, que trabalhem para, aos poucos, poderem ir à escola." Para pôr fim a esta situação, a organização 'Setem', no enquadramento da denominada 'Campanha Roupas Limpas', solicita a 'Inditex', El Corte Inglés e Mayoral que assumam as responsabilidades nos factos e que atendam positivamente os reiterados chamamentos desta iniciativa à procura de umha solução.

Oficina de costura que trabalha para 'Inditex' não paga às trabalhadoras e obriga a demitir delegadas sindicais

M.R.M., trabalhadora desta oficina, narrou para NOVAS DA GALIZA a sua experiência. Polo interesse do relato, a seguir reproduzimos alguns fragmentos da conversa.

No Verão de 2001 apareceram na Fonsagrada anúncios que publicitavam a abertura de umha oficina de costura para a empresa 'Silmar', que realiza trabalhos para 'Inditex'. Em Setembro do mesmo ano foram realizados os primeiros contratos. "Estivemos um tempo a trabalhar sem receber, com a desculpa de que estávamos a aprender, mas a roupa comercializava-se". Os trabalhos levavam-se a cabo num local "insuficientemente condicionado onde passávamos muito frio". Passáramos todo o ano 2001 a receber o salário com demoras e retenções.

O presumível dono da oficina, embora à partida pertencesse supostamente a várias pessoas, chama-se Pablo Campo e é também o dono de umha louseira - em que nom som admitidas mulheres - onde trabalham muitos rapazes da comarca da Fonsagrada. A questão é que há muitos casais repartidos a trabalhar na oficina e na louseira. Este facto era o dique de contenção de uns protestos mais do que necessários. O medo a que tanto elas como os namorados fossem despedidos levou e leva as empregadas a se manterem no anonimato.

Chegado o ano 2002 começam a ficar a cada vez mais atrasados os pagamentos. É neste ponto, e contando a oficina de 40 trabalhadoras, que estas decidem consultar a

CIG para se assessorarem nas suas reivindicações. Quando estavam há já três meses sem receber, foram convocadas eleições na empresa e foram escolhidas três representantes da CIG.

"Com esse sindicato consultávamos tudo e como, segundo dizia Pablo Campo, nom tinha em conta os empresários, começamos a ter problemas. Ameaçou-nos. Dixo-nos que tinha os "tomates muito inchados" e que se nom deixávamos a CIG nom nos ia pagar e a oficina ia fechar. Polo contrário, se parássemos os protestos, dixo-nos que nos pagava mesmo no dia a seguir. Votamos de novo e a maioria decidiu abandonar o sindicato. Mas os problemas do pagamento continuáram e todas voltamos a filiar-nos. Nesse momento, o encarregado fijo-nos entrar umha a umha no gabinete para lhe dizermos quem eram as que continuavam filiadas na CIG. Como resultado disto pediu a demissão de umha das representantes e dixo-nos que se ela demitia, no dia seguinte, por fim, havíamos de receber todas. E demiteu. No dia seguinte, depositou-nos na conta apenas o vencimento de um mês, mas devia-nos muito mais."

Depois da demissão da delegada da CIG a oficina começou a pagar os ordenados atrasados aos poucos e decide mudar a produção. A 18 de Novembro de 2002 a empresa manda um primeiro grupo, no qual se encontra M.R.M., fazer um curso na empresa Impe. "Impe é umha empresa que trabalha com pele. Mandáram-nos para Lugo, para fazermos um curso nas suas instalações, um curso que em princípio

ia durar um mês e entretanto, nessa altura, teríamos o transporte pago. Afinal, foram cinco meses e tivemos que ir no nosso carro e pagando nós todo o deslocamento. Fazíamos peças de roupa com que eles próprios ficavam e até dos melhores materiais, facto que mais tarde virám a negar. Quando voltamos à oficina de 'Silmar' chegou o segundo grupo para aprender e abandonamos aos poucos a produção para 'Inditex'. Despedirom mais da metade do pessoal. Quando voltou o segundo grupo já só produzíamos pele. Estivemos sete meses a produzir embora mal recebéssemos o nosso próprio salário. Em Agosto de 2003 deixáramos de pagar-nos. Mesmo assim, de Agosto a Outubro cosemos igual. Em Outubro deixamos de coser e até há duas semanas, quando se resolveu em nosso favor o processo judicial, fomos todos os dias as 8 horas, se bem que nom fizéssemos nada. Entretanto, a CIG demandou-os, mas nós tivemos que ir trabalhar todos os dias e nom fazíamos nada. Ao mesmo tempo, Pablo Campo e 'Impe' abriam umha loja em Madrid com confeções nossas. Por esta loja até passou gente de certa nomeada (mesmo à inauguração) e alguns, como Ana Obregón levavam um agasalho que tínhamos feito nós. Mas 'Impe' nega que nós coséssemos para ela em momento algum, e nem sequer reconhece que coséssemos nada nos cursos. Nós temos a certeza que primeiro foi mudado o tipo de produção e depois mandáram-nos para os cursos da 'Impe' para nom perderem os subsídios, quer dizer, para que passasse o

tempo, porque os outros [em referência a 'Inditex'] lavavam as maos."

Empregadas reclamam 144 000 euros em atraso e extinção dos contratos

No passado dia 25 de Março, assessoradas pola CIG, as empregadas recorrem à justiça para pedirem a extinção dos contratos e o pagamento dos salários em atraso. Ganham no julgamento e a empresa é obrigada a pagar, para além do devido, 45 dias de indemnização por ano trabalhado.

"Solicitamos a extinção do contrato para nom termos vínculos nenhuns com a empresa e podermos, polo menos, receber o subsídio de desemprego ou procurarmos outro trabalho. Mas, se bem que ganhamos o julgamento, nom recebemos ainda nada".

A 29 de Abril terá lugar um novo julgamento, já que o empresário Pablo Campo recusa-se a pagar. "Vamos para julgamento porque temos que ir, porque sabemos que nom vai declarar-se insolvente ou na falência e que nom vamos receber porque já nos tinha ameaçadas com isso, e ainda bem que nom despedirom também os nossos homens, que é umha ameaça permanente a que nós temos muito medo".

A CIG, por sua vez, pensa pôr umha demanda penal ao empresário polo trato recebido e polas ameaças aos seus delegados sindicais.

www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Caixa dos Correios 1069 (C.P. 27080) de Lugo

1 Ano = 12 números = 20 euros Assinante Colaborador = 30 euros

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura



Trinta Abril

Ramom Gonçalves

Hoje o 25 de Abril de 1974 é umha data apenas válida para estudiosos e estudiosas da história. Bem é certo que nom só, mas daquele pensamento fronteiro, dinâmico e inclusive contraditório que impulsionou o movimento português ficam apenas uns rescaldos de melancolia. Quando umha revoluçom descarrila, deixa o lugar ao mito. Sempre nos chama a atençom porque continua tam viva a memória mítica do Abril português. Várias podem ser as razons: o seu carácter peculiar e autóctone, o seu carácter de surpresa e de revolta romântica, e também que o passado é prolongado às vezes como destruiçom do próprio passado. Lembrar para esquecer. Quando o combatente da resistência francesa e escritor Andre Gidé regressava da sua viagem pola União Soviética, perguntava-se aflito: É esta a gente que fez a revoluçom? Nom, esta é a gente que beneficia dela.

Dizia o Vasco Cabral que um dia de paz parece um dia vulgar. Essa vulgaridade prazenteira da inaniçom e do fugir das horas, da história a transcorrer pesada. Nom foi vulgar mas um dia belo e avulso o 25 de abril, de umha beleza que provém do tempo da morte e do lamento, foi talvez aquele "latente direito à insurreiçom" que cantava o Walt Whitman, mas essa beleza nom nos pode anestesiar do real para que hoje, Portugal, reflecta sobre umha subterrânea frustraçom colectiva à volta do Abril português. (Saramago: "Temos a dignidade da lembrança. E a frustraçom de nom saber que fazer com ela"). Adorno dizia que toda a história da humanidade é a história da renúncia, esse conflito despótico entre prazer e realidade, entre utopia e duros e teimosos factos. Esse desencanto depois de Abril. Há quem aninhe na nostalgia dos tempos míticos e há quem

recite que é exactamente isto que nom queríamos. Mas derrubou a ditadura mais longa da Europa, disso nom duvidam nem os mais críticos e críticas, e colocou os alcerces para o que se tencionava fosse um novo Portugal nom apenas reduzido a Fátima, Futebol e Fado.

Um 25 que se rodeou de símbolos românticos como se apertam na mente da história todas as mudanças: umha cançom, um cravo, umha fotografia, figuras heróicas e um povo que desbordava as ruas com punhos erguidos e consignas guardadas nas gavetas da repressom e do obscurantismo. Quando os militares do MFA empreendiam posteriormente a sua campanha de açom cívica assente nesse programa de aliança com o povo, descrevêrom perfeitamente a situaçom do agro português com umhas frases que poderiam ser também usadas para definir o significado dessa revolta de primavera: "O observador desatento, deixa-se anestesiar pola beleza paisagística da região, embala-se no sonho da liberdade e da democracia apetecidas, levado pola quantidade e qualidade das casas construídas, polo alinhado cultivo das vinhas, pola verdura dos pastos. Mas decalcando esta

***O certo é que,
como escreveu um
jornalista, nunca
em nenhuma
parte do mundo
houvo tanta
liberdade como
naquela altura
em Portugal***

passagem soberba, a realidade desperta-nos violentamente para a tarefa suprema de construçom revitalizadora que urge empreender, se nom quizermos negar o futuro que ambicionamos, de justiça social e independência nacio-

nal". Assim, o 25 de Abril converteu-se numha data fossilizada na história lembrada por montes de tópicos e lendas anquilosadas que ocultam a verdadeira natureza do fascismo português e da sua queda. Nunca entendere-

mos a revoluçom portuguesa se nom analisarmos a sua guerra colonial. "A nossa guerra", "A nossa", como falavam os militares quando se referiam a ela. Tinha certo parecido com umha guerra caseira, de guerra de pobres contra



Militares e crianças fazendo o signo da vitória nas ruas de Lisboa, no 25 de 1974

mais pobres. Como também é óbvio que a revolta dos cravos teve um nome sei quê de zanga caseira (os tanques respeitando os semáforos nos cruzamentos de Lisboa, por exemplo). É certo que se partimos das categorias ocidentais de análise -também das marxistas obviamente- não encontramos resposta certa ao que aconteceu em Portugal. Apenas num ponto concordamos agentes e estudiosos e estudiosas dessa época: na importância da guerra colonial como desgaste do regime fascista. Algum actor do 25 de Abril afirmou conclusivamente que não foi o MFA a libertar Portugal, mas os movimentos de libertação africanos. Porque o MFA foi um movimento nascido no "Terceiro Mundo" e formado nos esqueletos teóricos dos Franz Fanon, Vasco Cabral ou Agostinho Neto. Otelo Saraiva de Carvalho definia bem o sentir do povo português no que diz respeito às suas colónias: "O problema africano estava presente no mais profundo de nós. Tomamos consciência da urgente necessidade de resolvê-lo, pois víamos que a nação se enganava ao prolongar uma guerra sem motivos, uma guerra que para nós não fazia sentido algum. Sentíamos que estávamos lá a queimar tanto o porvir de Portugal como o nosso. Foi a partir dessa tomada de consciência que começamos a pensar em termos que foram para além da simples luta contra decretos administrativos sobre problemas profissionais". De facto, quando o redactor do programa do MFA, o major Melo Atunes, deixou o seu posto na Angola abandonou também uma biblioteca onde entre outros volumes sobranceava um livrinho intitulado "Os condenados da terra". Lá aprendemos que não só era uma guerra injusta, ainda que o seu próprio povo também se podia reflectir naqueles retratos de homens despersonalizados por uma exploração estrangeira. Seria algo mais tarde quando foi necessário enfrentar os problemas concretos de uma nação abafada pelo fascismo, quando se tomou consciência da negra herança do salazarismo. Portugal era um país com uma pobre assistência sanitária (inexistente nas zonas rurais), sem rede rodoviária, com uma agricultura desfeita e pouco rentável, com milhares de lares sem assistência eléctrica nem água, com taxas de emigração próprias de países subdesenvolvidos, com escasso tecido industrial criado, com altos graus de analfabetismo nas zonas rurais e doenças próprias do "terceiro mundo", etc. E assim, aqueles militares treinados para a construção de escolas e de redes sanitárias básicas nos paí-



Otelo é uma dessas figuras que faz história ainda que depois lhe fiquem mal as vestiduras da mesma.

ses em que exerciam de invasores, tiveram que recorrer àqueles ensinamentos para aplicá-los não nas zonas africanas mas num país europeu e na teoria desenvolvida. Aperceberam-se de que a solução ao grande problema que Portugal tinha não se encontrava apenas nas aparatosas palavras de ordem revolucionárias. Porém, era preciso conseguir que a população portuguesa alcançasse o direito a existir e a apanhar o comboio do século vinte. E assim, perante a indignação da maioria dos sectores políticos, Portugal foi declarado país em vias de desenvolvimento. Essa era a realidade e o demais imaginamos que eram fantasias dogmáticas. Com certeza todos erraram e acertaram, inclusive a um mesmo nível. Errou mais quem arriscou a própria cabeça para derrocar Marcelo Caetano. Obviamente, não errou quem hoje contra tudo protesta, acusando de reformistas e outros delitos comuns boa parte dos homens e mulheres honrados (que houve, com certeza) e também algo ingénuos que fizeram parte do 25 de Abril. Mas com certeza quem não se implica nem nada arrisca não pode nunca errar. O grande objectivo de Abril era lavar o terreno para o futuro trabalho dos partidos políticos. Democratizar os restos fascistas imperantes em Portugal. O

mesmo Partido Comunista esculpido a lume durante tantos anos de clandestinidade reconhecia que um dos entraves fundamentais para um novo Portugal eram as formas feudais e semifeadais ainda existentes no agro Português. Hoje duvida-se do carácter revolucionário estrito do Abril português. Numha entrevista feita em Janeiro de 1999, Álvaro Guerra, jornalista da República e um dos poucos membros civis do movimento de Abril falava no que a isso diz respeito: "Foi um golpe militar para mudar o regime. Não é uma revolução, porque o povo não teve nada a ver com isso. Não foi o povo a fazer o 25 de Abril". Qual foi o destino desta revolução? "Começou e acabou. Como todas. A seguir ao 25 de Abril, houve um arremedo de revolução. Uma dança exótica à volta de uma coisa chamada poder. Não sei se chegamos a um período revolucionário, ou se não se tratou dessa dança macabra à volta dos restos do poder caído na rua. Essa situação tem laivos revolucionários, isso não nego. Agora, foi sobretudo a conquista da liberdade. Eu continuo a dizer que foi a motivação principal do 25 de Abril." O certo é que, como escreveu um jornalista, nunca em nenhuma parte

do mundo houve tanta liberdade como naquela altura em Portugal.

O homem de inumeráveis almas: Otelo Saraiva de Carvalho.

O comandante operacional do 25 de Abril queria ter sido um actor de teatro. Mas não tinha o talento. Nascido em Maputo (Moçambique) em 1936, a função que iria representar este filho de funcionários era bem de outro tipo. Acusado de dar armas ao povo, durante os momentos críticos posteriores a Abril, acusado de construir grupos armados e de minar a democracia representativa, acusado de guevarista, esquerdista, inclusive de um certo feitio personalista e até de gosto doentio pelo mando, Otelo é umha dessas figuras históricas que faz história ainda que depois lhe fiquem mal as vestiduras da mesma. Numha recente e longa entrevista para o Expresso, afirmava que o que lhe restava daqueles convulsos dias era "uma memória extremamente gratificante que tento manter viva através das palestras e conferências que faço. Tenho muitas saudades do processo revolucionário. Naquilo que os meus 62 anos me permitiram viver foi o único período em que o povo português - a tal entidade abstracta que é o povo - se sentiu, de facto, participante na vida política do País, em que havia um fogo, uma exaltação, em que até a asneira era livre, mas em que tudo parecia possível. A tomada do poder estava ali à mão, o povo agarrado à liberdade, e sentia algo de muito forte, de muito participativo, que actualmente não se verifica, porque as democracias representativas eliminam esse sentimento de participação activa, a democracia política passou a ser apenas o voto. As pessoas sentem-se afastadas das responsabilidades políticas, têm um poder crítico muito grande em relação ao que se vive no País, mas não participam. Eu, pelo contrário, critico muito pouco e procuro sempre exaltar, sobretudo no estrangeiro, o que de bom foi feito em consequência do 25 de Abril." Ele sempre defendeu a sua lealdade ao processo de Abril. Fôrom outros (em clara referência ao PCP) a travar o processo revolucionário. Quando lhe perguntam que fiço depois de dirigir o golpe militar tem uma resposta melancólica, que metaforiza perfeitamente o carácter de figura um pouco quixotesca e atraçoada que é: "Esta malta foi-se toda embora e deixei-me aqui sozinho! De modo que fui eu que arrumei a casa: guardei as granadas e as pistolas que tinham ficado ali soltas em cima das mesas, fechei as gavetas, retirei a minha carta do ACP que me tinha servido de mapa para acompanhar as operações das unidades do MFA, e pronto. Apaguei a luz, fechei a porta, meti-me no carro e fui para casa."



Somam esforços polas liberdades na capital da Galiza

A histeria da segurana cidadá desatada com motivo da gestom política dos ataques islamistas em Madrid encaixou com perfeiçom no declarado desejo de maior presenza policial que o presidente da Cámara do PSOE Sánchez Bugallo tem para Compostela. Com efeito, na passada Páscoa, um operativo especial de membros da Unidade de Intervención Policial tomava a capital da Galiza, abarrotando com as carrinhas e com esporádicos controlos policiais o centro e as entradas da cidade. Entretanto, um helicóptero sobrevoava Compostela durante todo o día e um plantel reforçado da brigada de informaçom fazia mais ostensível a sua presenza. Aproveitando esta conjuntura, um conjunto de activistas dos direitos e liberdades -entre os quais se encontram membros da Casa Encantada e Ceivar- apresentavam publicamente na Praça do Pam o projecto Denúncia. Comissom contra a presenza e a brutalidade policial com o intuito de seguir de perto todo o relativo ao recorte das liberdades fundamentais e de assessorar o conjunto dos e das cidadás quanto aos seus direitos à frente das a cada día mais constantes intervençoms policiais.



Um gabinete sito na Casa Encantada assessorará as pessoas interessadas, com um horário regular de atendimento semanal.

Na mesma linha de acontecimentos, jovens que tocavam na rua denunciárom umha agressom a maos de agentes da policia municipal após se terem recusado a serem identifica-

Carta ao director

O grupo Celtarras quer manifestar o seu mal-estar perante o artigo aparecido no NGZ do mês de Novembro assinado por Paulo P.B. e intitulado "Sociedade, futebol e violência." Assim, queremos apontar o seguinte: 1º O qualificativo "radical", da mesma maneira que o de "ultras", "violentos" ou "violentas", "extremistas", "separatistas", etc. som empregados polo espanholismo para tentar censurar e ocultar que Celtarras aglutina umha claque independentista que leva o nome da Galiza lá onde se encontrar. Celtarras utiliza a montra mediática que hoje em dia significa o futebol para denunciar a situaçom do nosso país. Por isso, ficamos desagradavelmente surpreendidos e surpreendidas com a utilizaçom de dito termo num jornal como o Novas da Galiza.

2º Celtarras e Juventudes Celestes som grupos diferentes e autónomos. Cumpre salientar que Juventudes Celestes foi a primeira torcida juvenil com consciéncia galeguista, nascida no ano 1985.

3º Mas é especialmente molesto para nós o parágrafo em que se diz: "Nós aguardamos que estas claques afins na sua ideologia cheguem algum día a deixar atrás o seu localismo e fagam um esforço sentido e assente na reivindicaçom popular de umha seleçom galega." Tendo em conta que Celtarras foi responsável pola criaçom do colectivo "Siareir@s Galeg@s" (os amigos e amigas de

Grei Gentalha som testemunhas disto), e ainda que levamos quase em exclusiva (infelizmente) a reivindicaçom da nossa seleçom nacional, as afirmaçoms que se fám no referido número do NGZ nom temem qualquer cabimento.

Por último, só expressarmos a nossa surpresa e indignaçom com o dito artigo, que semelha tirado de qualquer jornal "oficialista" e nom de um periódico galego livre.

Pensamos que, considerando que no NGZ se temem feito excelentes reportagens de investigaçom, nom fai sentido que para tratar um tema como este se tenha redigido umha noticia tam pouco contrastada, e muito menos se temos em conta que, tanto na Corunha como em Vigo, o Novas podia ter contado com toda a colaboraçom que precisasse.

Celtarras, nos seu 16 anos de existéncia, caracterizou-se pola busca de um estilo galego de animaçom, de defesa da Galiza e de luta perante a dominaçom espanhola, e por isso achamos tremendamente injusto o trato oferecido por NGZ.

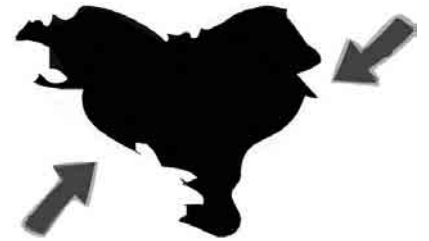
Porque temos a certeza de que se produzirá umha imediata rectificaçom pública, aproveitamos a ocasiom para cumprimentar-vos, oferecendo-nos para próximas colaboraçoms.

Galiza, Janeiro de 2004

► Jon Etxeandia é militante do movimento basco pró-amnistia

"Nom tenho dúvidas de que o País Basco acabará por conseguir o seu reconhecimento como povo soberano"

Nascido em Bilbau, Jon Etxeandia é poeta, jornalista e editor, para além de militante do movimento pola amnistia dos presos e presas independentistas bascos. Com vinte anos foi detido e permaneceu em prisom durante dezoito, saindo à rua em 2001. Jon deu várias conferéncias dentro da turné que percorreu a Galiza, informando sobre o panorama actual da repressom penitenciária. As palestras fôrom organizadas polo organismo anti-repressivo Ceivar e o Comité em Solidariedade com Euskal Herria.



Como valoras a situaçom actual dos presos e presas independentistas em comparaçom com épocas anteriores? -Quantos presos e presas há e quantos estám em território basco?

A actual situaçom dos presos e das presas independentistas é infinitamente pior que em épocas anteriores, e nom por ter sido fácil a situaçom anterior, mas podemos dizer que se aprecia umha forte involuçom quanto às condiçoms de vida dos presos e das presas e um recorte dos direitos conseguidos através de duríssimas lutas. Deste modo, por exemplo, aumentou o isolamento das pessoas presas, e de día para día som mais as pessoas sob regimes celulares, som também mais os entraves para se poderem comunicar com as amizades, as familias multiplicárom-se, proibe-se que os e as estudantes prisioneras podam inscrever-se na UPV, o sadismo continua sem ter compaixom com presos e presas com doenças graves, instaurou-se a cadeia perpétua de facto e persiste o afastamento e a dispersom, responsável já pola morte de 15 familiares e amizades dos presos e das presas.

Ao todo, há cerca de 700 presos e presas políticas bascas dispersadas fundamentalmente polas prisons dos estados espanhol e francês. Este número, em comparaçom com a populaçom do País Basco é mesmo assustador, e devia chamar a atençom de qualquer observador ou observadora, pois ele próprio delata o carácter político do conflito. Quanto às pessoas detidas, nem todas som militantes da ETA, como acontecia dantes. Agora, com a fracassada política do governo Aznar, a repressom generalizou-se e afecta cada vez mais sectores e ámbitos: a juventude, membros de plataformas e estruturas políticas, grupos promotores da desobediéncia civil, jornalistas e gente da cultura... Para terminar esta resposta, deixa-me dizer-che que, de 700 presos e presas, neste mês de Abril, podem contar-se com os dedos de umha mao os e as independentistas que estám em cadeias bascas, o qual é muito revelador da soberba e da falta de humanidade dos partidos governantes.

Qual a situaçom nas prisons da Galiza?

Há presos e presas independentistas em cinco cárceres da Galiza. A situaçom geral é a mesma que a descrita na resposta anterior, merecendo especial mençom a situaçom de isolamento que se vive na cadeia de Cúrtis, assim como a

convivéncia entre os directores das prisons e os juizes de vigiláncia penitenciária.

Para o colectivo de presos e presas, que traços definem o momento actual de Euskal Herria? Existem perspectivas de resoluçom?

O momento político profundo, para além das vicissitudes conjunturais, podemos defini-lo como bom. Nunca estivo a questom da autodeterminaçom tam presente na agenda política dos agentes sociais e políticos, embora às vezes seja em versom negativa, como no caso das histerias antinacionalistas dos media, ou em versom reducionista e continuísta a respeito da actual situaçom, como o Plano Ibarretxe, o coelho que tirou da cartola o lehendakari basco e que, sem ser nenhum bom plano, é verdade que a razom por que é colocado agora em cima de umha mesa é sem dúvida a força da causa autodeterminista, e ainda, evidentemente, por ser um 'mal menor' assumível polo Estado, isto é, mais do mesmo.

Quanto às perspectivas de resoluçom, estamos a caminho e para isso lutamos, para conseguirmos um novo cenário político em que a resoluçom do conflito poda chegar em parâmetros de non-violéncia, simplesmente com o respeito à decisom livre e democrática do Povo Basco.

Nom tenho dúvidas de que o País Basco logrará o seu reconhecimento como povo soberano. A isto contribuirám os ventos da história e as dinâmicas profundas de umha construçom europeia à medida dos povos e nom dos estados. O que demoremos a consegui-lo dependerá da valentia política e o compromisso que adquiram outras forças políticas nacionalistas. Já sabem que, por parte da esquerda 'abertzale', a mao está estendida. Boa amostra disto foi a última proposta de Bergara, consistente em possibilitar umha lista ampla e unitária para as passadas eleiçoms. Infelizmente, pudérom mais os interesses partidistas e a rapinagem política de alguns que o bom senso e a coragem. Mas da nossa parte, nom é o triunfo da esquerda 'abertzale' o que pretendemos, mas o triunfo de Euskal Herria.

Que impressom levas deste País após as conferéncias?

A sensaçom de ter encontrado um monte de receptividade e de gente solidária. Volto a casa fortalecido e com "síndrome" galego, isto é, de querer muito mais e melhor este fenomenal povo.

17 DE MAIO

DIA DAS LETRAS GALEGAS!

Rosalía e Camões unirám-se pola língua

Este 17 de Maio será o punto de partida do projecto. Ao significado tradicional do "Dia das letras" vai unir-se o da reivindicación reintegracionista. A iniciativa parte conjuntamente do MDL e AGAL e consiste em agrupar todos os actos relacionados com as Letras nos días que medeiam entre 17 de Maio, Dia das Letras Galegas, e 10 de Junho, día em que a Lusofonia celebra o Día de Camões. Desta maneira, se a iniciativa assentar, os actos que diferentes colectivos culturais tenhem pensado desenvolver por este motivo, aparecerán publicitados e sob um mesmo lema num mesmo cartaz e trípticos. O lema escollido para este ano é "Estabelecendo pontes com a nossa língua".

VI Jornadas da Língua de Compostela

Do día 19 a día 22 de Abril, o MDL, Radio Kalimero e Oureol organizam as VI Jornadas da Língua na Galeria Sargadelos, com um completo e interessante programa. Começarán no día 19 com a projecção da "Cidade de Deus" seguida de umha conferência de Júlio Rocha sobre as condicións de vida nas favelas. No día 20 está prevista umha palestra sobre as "Problemáticas ambientais galegas", onde representantes da COGADER comentarán as conseqüências ambientais das barragens do Ulha. No día seguinte, projectará-se o documental "Futuros antigos: aprendendo com o Ladackh" e seguidamente Bernardo Máiz falará sobre os problemas ambientais e o falso progresso. A escola no País Basco será o tema a tratar no día 22, e a conferencista será Iratxe Retolaza, que falará sobre escola basca e as "ikastolas". Durante toda a semana está aberta umha exposición fotográfica de Xavier Diegues sob o título de Panorámica.

A clausura, no Tarasca no día 22 a partir das 10 da noite, com "Uma noite de Abril" XXX Aniversário da Revoluçom dos Cravos, com titeres, teatro, poesia e outras actividades. Mais informaçom na página do MDL - www.mdl-galiza.org

Festa da língua em Ponte Vedra

O MDL vai centralizar os actos relativos ao 17 Maio mais umha vez em Ponte Vedra, onde organiza, com a colaboraçom da Cámara Municipal umha Festa da Língua com conta-contos, animaçom de rua, exposiçoms e actuaçoms musicais lusófonas, entre elas do grupo Trópico de Grelas, galegos com ritmos afro-brasileiros. Também se entregarán os prêmios do I Certame de criaçom "Em Movimento".

Em Ourense destaca a I Festa da Galiza Lusófona que o grupo local organiza e onde, para além da apresentaçom do Projecto Dicionário Vivo de J.Guisan, na livraria Torga, no día 28 de Abril, poderá-se assistir, no día 2, a umha sessom de conta-contos no Faiscas, para terminar no día 30 com um recital poético e a actuaçom do grupo LEMORAI, no Café-Cultural AURIENSE

Correlingua 2004

Mais uma vez, as equipas de normalizaçom dos centros de ensino organizam o habitual Correlingua, este ano sob o lema "Caminhemos pola senda do Galego", proposto polo IES Vilar Ponte de Viveiro, ganhador do concurso convocado para o efeito pola organizaçom, entre os centros de ensino. A corrida pola língua começará este ano na Corunha, no día 3 de Maio e terminará em Lugo no día 14, percorrendo diversas comarcas da Galiza.

A Galiza Natural

João Avelado



Das ribeiras do Návía às do Douro, da Costa da Morte aos Montes de Leão estende-se, por cima de artificiosas fronteiras administrativas (a Natureza não entende dessas coisas), um variado território de características naturais peculiares.

Um país atlântico, mas penetrado de influências mediterrânicas, influências estas mais patentes quanto mais a Sul e quanto mais a Leste, influências que sobem pelo litoral (chegando mesmo à vila dos Andrade na foz do Eume, onde ainda achamos um sobral autóctone na praia de Cabanas), influências que avançam polos vales dos grandes rios (Douro, Limia, Tâmega, Minho, Sil, Ulha...).

Terras mornas e húmidas, temperadas por uma corrente oceânica cálida proveniente do Golfo de México. Terras em que as nuvens, que os ventos do Sul arrastam do mar carregadas de lentura, deixam abundantes chuvas. Terras, porém, de solos geralmente areosos, que conhecem quando as estiagens (nunca demasiado longas) dos rigores das secas e, mesmo, adentrando-se no seu interior, uma certa continentalidade. País velho e suavemente ondulado, dividido entre granitos e xistos, que por vezes guarda nos seus mais altos cumes reliquias de eras glaciais e, por vezes, em recônditas cales, lembranças de um passado subtropical (lá quando o Terciário) de rasgos macaronésicos (outra vez o Atlântico!), país pois que sabe das lagartixas-das-vranhas (Lacerta vivipara) ou das borboletas do género Erebia, moradoras das altas turfeiras do Gistral e dos Ancares, mas também de fetos, como o gigantesco Culcita macrocarpa ou o espectacular Woodwardia radicans, mais próprios hoje da Madeira ou das Canárias que das nortenhas fragas de Caaveiro e da Capelada.

Zona de transição, encontro da fauna e da flora das regiões euro-siberiana e mediterrânea. E zona também de passagem, pois pelas nossas costas transitam a prática totalidade das aves marinhas da Europa Ocidental invernantes em África, sendo a Estaca de Vares o segundo melhor observatório europeu destas

aves. Nação de bosques antigos e legendários, a Devesa da Rogueira, as Matas do Jurés, as Fragas do Eume... Bosques caducifólios, climáticos, agora em luta com o colonizador vindo das antípodas, o eucalipto invasor e aliado do lume, que tira as riquezas do solo para afinal beneficiar, como sempre, interesses estranhos e estrangeiros.

Nação que se continua nas águas oceânicas, águas que no Aquém-Minho se adentram nos vales fluviais para formarem as rias, sendo as Rias Baixas um dos ecossistemas mais produtivos do mundo e isto graças a um afloramento de nutrientes arrastados por correntes submarinas do Golfo da Guiné.

Falamos do Maciço Galaico-Duriense, da Galiza Natural, de um território habitado por quioGLOSSAS (Chioglossa lusitanica), uma original e esquiva salamandra, lagartixas-de-Bocage (Podarcis bocagei), garranos galaicos (os nossos pôneis autóctones) e outras muitas espécies ou raças únicas de animais, plantas ou fungos que evoluíram e se diferenciaram neste meio geográfico particular (os nossos endemismos). Falamos, portanto, da nossa Mãria, do meio em que nos diferenciámos como povo (quem se atreve a duvidar do carácter determinante da paisagem e da orografia sobre a maneira de ser das colectividades?), do berço de uma idiosincrasia, de uma língua, de uma cultura, enfim, de uma forma de ver e entender a vida. A defesa da nossa identidade nacional passará também consequentemente pela defesa da nossa identidade natural, do meio que ocupamos, da sua geia, da sua flora, da sua fauna e, nomeadamente, de entre os seres vivos que fazem parte deste meio, pela defesa dos seus endemismos, símbolos preciosos e viventes da Galiza. A extinção de um deles (como p. ex. já aconteceu no século XIX com a subespécie galaica da cabra-fera, a Capra pyrenaica lusitanica) significa a perda de um incalculável património natural e aliás, para nós como galegos e galegos, a perda irremediável de um bocadinho da Nossa Terra Mãe.

COPISTERIA T44
 Fotocopias • Papeleria
 Encuadernacións • Planos
 Fax • Carteis • Tarxetas
 Tesis • Tesifias
 Impresión dixital e laser
 R/ San Roque 31 B. T-Fax: 981 566 896
 R./ República Arxentina 44 B. T-Fax: 981 592 826
 SANTIAGO

RENOVAÇÃO
 EMBAIXADA GALEGA
 DA CULTURA
embgalega@hotmail.com
monchodefidalgo@terra.es

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
 Rua Real, 32
 Apdo. 287 - 36200 VIGO

CASA DAS CRECHAS
 Via Saera, 3 - 15704 Compostela
info@casadascrechas.com

ARTÁBRIA
 Rua Madalena, 31
 C.P. 15402 Ferrol
 GALIZA

portal galego da língua

Encerramento do Ciclo de Cultura Galega

PGL. Desde o passado mês de Outubro tenhem decorrido no campus ourensano diversos cursos e jornadas que tratáron de lingua, teatro, e cinema. As "Jornadas de História da Galiza" fôrom as protagonistas finais, e nelas houvo mais de 100 inscritos e inscritas que assistiram pontualmente às conferências marcadas. Todos os eventos do Ciclo de Cultura Galega fôrom organizados pola AGAL em parceria com a Universidade de Vigo, sob a direçom de José Manuel Barbosa e o apoio dos professores Isaac Alonso Estraviz e José Paz. Diversos meios de comunicaçom deram conta dos diferentes actos, e Rádio Alhariz gravou cinco das conferencias das "Jornadas de História da Galiza", que están a ser divulgadas por esta estaçom de rádio.

Reclamam uso do galego na Semana Santa ferrolana

GN.- Galiza Nova de Trás-Ancos dirigiuiu-se as Confrarias da Semana Santa e ao bispado de Mondoñedo-Ferrol para que, durante a Semana Santa, a igrexa assumna plenamente a sua condiçom de galega, e os actos litúrgicos destas datas tenham como próprio o idioma galego. Ainda, reivindicárom que o Hino Galego, em vez do espanhol, presida a entrada e saída dos passos nos cortejos processionais. Argumentam que a Semana Santa de Ferrol se tornou numha celebraçom em que se mistura a tradiçom religiosa com o atractivo turístico, sendo portanto a galeguizaçom dos actos importante para se evidenciar perante as numerosas pessoas que visitam Ferrol que se encontram num país com traços identitários próprios.

Galeguiza lança novo boletim

galezalivre.org.-A associaçom cultural de Ponte Areas GALEGUIZA lançou a rua o seu primeiro boletim porta-voz, onde para além de recolher um resumo das actividades realizadas nestes meses passados, informa-se das actividades vindouras que serán realizadas a partir deste mês de Março. Concretamente, está prevista umha campanha de normalizaçom lingüística e socializaçom da normativa reintegracionista da AGAL sob o título "Recuperemos a nossa língua" e "1º curso de pandeireta e cantigas populares".

PGL lança o "Dicionário de Fraseologia"

PGL participa na palestra de novas tecnologias

PGL

Válido para quaisquer profissionais que trabalhem com as indústrias da lingua, o dicionário pretende agir numa das áreas onde o processo de substituição lingüística decorrente na Galiza se torna mais evidente, o das frases feitas. Num contexto adequado, a transmissão das mesmas produz-se quer através das relações pessoais (família, amigos...) quer através de instituições, nomeadamente os media e a literatura. Na Galiza, como é sabido, a transmissão familiar da nossa língua está a quebrar-se. Por sua vez, os media que a maioria dos falantes utiliza estão redigidos em espanhol e os poucos que o fazem na nossa língua não salientam pela sua responsabilidade na hora de cultivar uma Língua, ficando, sim, a molengar no Dialecto. Por fim, quanto à literatura ou quaisquer outros meios escritos, as próprias elites que se dizem galegas não conseguiram, por enquanto, fazer desnecessário o espanhol em áreas onde é factível fazê-lo, renunciando assim a mostrar uma outra via ao resto da população.

Tudo isto tem dado como resultado, no terreno fraseológico, o decalque sistemático. Decalque é definido pelos dicionários como: acto de copiar; imitação, plágio ou também qualquer imagem que lembra aquela



obtida pelo decalque. O pior dos decalques é que, ou bem existe uma inconsciência dos mesmos, ou bem existe uma consciencia acompanhada de despreocupação, afinal a Língua é o espanhol e o dialecto faz é adaptar-se ao molde que se lhe oferece.

De resto, o dicionário, sem pretender um grande apuramento que nem sempre é fácil, informa daqueles verbetes do ponto de vista dialectal, quer do Brasil, quer de Portugal, quer da Galiza. Embora o nosso alvo primeiro seja a cidadania galega, esperamos que o trabalho seja de

utilidade também para o alunado e o professorado de português com o espanhol como língua de partida e vice-versa, e ainda para a tradução e outras áreas profissionais das indústrias da língua. No co-e frases@agal-gz.org, as pessoas que nos visitem poderão deitar sugestões, comentários, críticas, pedidos, etc., pois este dicionário está muito longe de ficar fechado. Aos 1785 verbetes que recolhe na actualidade serão acrescentados muitos outros na construção de um pequeno tesouro ao serviço da cidadania galega.

AGAL organiza jornada reivindicativa por umha ediçom sem censura

Fôrom apresentadas 5 novas obras, algunhas editadas em colaboraçom com Laiovento

PGL.- A Associaçom Galega da Língua (AGAL) organizou várias actividades no passado sábado, dia 17 de Abril. Todas elas marcadas por uma jornada reivindicativa em prol da ediçom livre em galego. A partir das 10h00, na Sala de Graus da Faculdade de Filologia (Universidade de Compostela), celebrou-se umha assembleia extraordinária e mais umha ordinária nas quais a AGAL adaptou os seus estatutos à legislaçom vigente no Estado Espanhol e fijo balanço das suas actividades.

Logo a seguir, às 12h30 realizou-se um acto público de apresentaçom de 5 novas obras editadas pola AGAL. Neste acto participárom a autora e os autores das obras: Raquel Miragaia, José David Araújo, Kike Benlloch, José A. Corral Iglésias e Carlos Quiroga.

Após um almoço de Irmandade, as actividades continuárom de tarde, celebrando-se na sede da AGAL um acto literário contra a censura, com a participaçom de diversos escritores e escritoras com obra escrita em galego-português.

II Jornadas sobre a língua em Vilar de Santos analisam "Galego Estremeiro"

PGL.- Durante os dias 8 e 9 de Abril decorreu em Vilar de Santos a segunda ediçom das Jornadas sobre Língua co-organizadas pola Câmara Municipal desta localidade da Límia, a associaçom cultural local O Covelo e a Associaçom Galega da Língua (AGAL).

O programa girou em torno do "galego estremeiro", isto é, o conjunto de variedades ibéricas de galego-português que ficam para leste dos limites da CAG e da República Portuguesa. Estas modalidades lingüísticas estivérom representadas nas jornadas por Carlos Varela Aenlle (que versou o galego eu-naviego), Xavier Lago (que falou sobre o galego do Berzo), Felipe Lubián (galego das Portelas) e Xosé Henrique Costas (que palestrou acerca do galego dos "três lugares", falado no extremo norte-occidental da Estremadura). Para além dos anteriormente citados, também participou no debate Carlos Garrido, secretário da Comissom Lingüística da AGAL.

Como conclusons gerais das jornadas salientam as seguintes: a necessidade de um maior apoio às entidades e pessoas empenhadas na promoçom e estudo das variedades "estremeiras" do galego e a conveniência de se intensificar o diálogo e a colaboraçom entre as duas correntes codificadoras do galego em prol da sobrevivência e futuro da língua da Galiza.

Língua portuguesa bate recordes na Estremadura espanhola

PGL. A Junta da Estremadura, através do seu Gabinete de Iniciativas Transfronteiriças (GIB), adiantou hoje que "vai reforçar o apoio ao ensino e divulgaçom da língua portuguesa na região". O facto de contar já com mais de nove mil estudantes, torna o português a segunda língua estrangeira mais estudada na Estremadura, apenas atrás do inglês mas à frente do francês. Novos cursos, mais formaçom de docentes e intercâmbios entre escolas portuguesas e estremenhas, são algumas das medidas tomadas para potencializar mais ainda a aprendizagem do português. Ainda, a Junta estremenha visa apoiar o ensino da língua portuguesa para estrangeiros, e estão marcadas para esta sexta-feira, em Badajoz, umas primeiras jornadas por iniciativa da Universidade Popular, com inúmeros actos com o português como referente. Segundo as autoridades da comunidade autónoma da Estremadura, o interesse e o ensino da língua portuguesa tem vindo a aumentar nos últimos anos, quer seja pela proximidade geográfica, quer por razões de carácter cultural, e ainda profissional.

Portal Galego da Língua ultrapassa 30 000 visitas em Março de 2004

PGL.- Março de 2004 será para sempre um mês bem assinalado na História do PGL. Em total, fôrom 30126 visitas (segundo o contador da hospedagem) as recebidas polo PGL em Março de 2004 (até entom o PGL tinha estabilizado as suas visitas em cerca de 15000). Na secçom de visitantes diferentes também se constata um avanço significativo, superior a 50 %. Em Fevereiro, fôrom 6277 visitantes diferentes que visitárom o PGL. Mas em Março este dado foi de novo ultrapassado, sendo agora 14 522 os computadores diferentes que acedérom ao web da AGAL.



música

SLOPPY JOE



Nos passados dias 2 e 3 de Abril, na celebração da I Festa do Bloco de Esquerda em Lisboa, tivemos oportunidade de conhecer umha banda portuguesa que de certeza dará muito que falar a curto prazo. Trata-se de Sloppy Joe, umha formação natural do Porto que mistura na sua expressom influências diversas: pop, funk, e sobretudo, reggae e ska com incursions no dub. Chamou a nossa atençom nomea-

damente a capacidade da banda para conectar com o público, fazendo-o participe de umha actuaçom consistente apesar de ser umha banda novel, que acabou de gravar o seu primeiro trabalho, *Flic Flac Circus* (Bairrista! / Independent Records). Após o sucesso no palco, tivemos a ocasiom de conhecê-los um pouco melhor, numha entrevista que se prolongou no tempo e nas temáticas abordadas...

Davide Loimil e Inácio Gomes

O primeiro trabalho dos Sloppy Joe é um coquetel sonoro que abrange diferentes estilos atingindo porém um resultado final compacto e verosímil. "As nossas influências som muito vastas, e cada membro da banda ouve um amplo leque de estilos a que tentamos dar coesom no produto final. Vam da Jamaica até à África negra, mas com um som muito próprio. Som também referenciais para nós as grandes vozes da música negra americana, das divas do soul e o jazz". Esta avaliaçom recobra todo o sentido ao ouvirmos o registo vocal de Marta Ren, que

enfeita os ritmos e melodias com um toque de calidez e elegância.

Todas estas características tornáram-se claras na sua actuaçom ao vivo em Lisboa (Docas de Alcântara), em que transportáram o público através do seu universo particular, deslizando entre o reggae, o funk, o soul e o ska. Umha encaaçom bem concebida e projectada, na qual mesmo se atrevêrom com o dub, um estilo que destaca pola sua complexidade e profundidade, tornando-se por isso em muitas ocasioms nom demasiado adequado para ganhar a audiéncia menos afeita a este apaixonante som.

"Neste caso adquire especial protagonismo a guitarra [de Marco Oliveira] o baixo [Sérgio Pires] e a percussom [Manu Idhra e Filipe Deniz]". A própria presença de Sloppy Joe num evento das características da festa do Bloco de Esquerda dá para perceber o género de inquietaçoms que movem a banda. Isto traduz-se na prática diária, e concretamente, quanto à ediçom do CD dizem-nos: "está à venda a um preço máximo de 13 euros. Levamos a cabo umha estratégia de lançamento do nosso trabalho que visa contribuir para umha reduçom do custo dos CDs, ao mesmo tempo que

combate a pirataria injustificada". No entanto, "para quem a crise tivesse sido mais desastrosa do esperado, existe a possibilidade de descarregarem gratuitamente dous temas de *Flic Flac Circus* no site "cdgcom".

À medida que a conversa avança, percebemos que em boa parte estamos a ser nós próprios os entrevistados. Existe umha grande curiosidade por conhecer a situaçom da Galiza em todos os âmbitos. "A nível musical, os contactos com Portugal som quase inexistentes. Nós apenas conhecemos bandas galegas que temem um som semelhante ao nosso, e mal

temos informaçom da vossa situaçom social, política ou cultural, mesmo estando tam perto". Nós acreditamos nas possibilidades que Sloppy Joe tem para se introduzir no nosso país, tanto por qualidade musical, quanto pola sua inata capacidade para conectar com a assistência, e aguardamos poder contar com esta completa banda o antes possível. "O nosso único contributo para com o vosso país foi a nossa participaçom no programa de música ao vivo Chambo TV, umha produçom da TV Galiza transmitida para toda a Península Ibérica, via TV Cabo".

ALTO minho
associaçom cultural
Rua Catezal, nº15 - Apdo 259 Lage
www.altoalminho.org

Embora
Rua Trás San Fiz de Solovio Nº2
15704 Santiago de Compostela
Tfno: 981 58 44 18
E-mail: emboracafe@msmail.com
GZ
Cafe

A ESMORGA
REVISTA MENSAL DA MOVIDA GALEGA

Rua Nova
n
CAFETERIA
RESTAURANTE
Rua Nova, 36 - Santiago de Compostela
Tfno: 981 548 900
Tfno./Fax: 981 571 572

A Peneira
Xornal Galego
de Informaçom Xeral
www.apeneira.com

I a entrevista | Baldomero Iglesias "Mero"

“Quem actua num palco no nome da Galiza é um herói ou umha heroína só por esse facto”

NGZ

Baldomero Iglesias "Mero" foi um dos fundadores de Fuxan os Ventos e, mais tarde, d'A Quenlla. Estes grupos fôrom, ao lado do cantor de intervençom Suso Vaamonde, a vanguarda da nossa música nacional e comprometida. É a arte centrada na naçom e nas suas problemáticas ancestrais. As suas músicas ficarãr para sempre como símbolos de resistência para diferentes geraçons de galegos e galegas.

Poderias fazer-nos um breve resumo do vosso percurso desde os primeiros passos d'A Quenlla no ano 1984?

No ano 1982 eu e Míni deixamos Fuxan os Ventos, como já tinha feito antes X. Mato. Nós deixamos o grupo com o propósito de abandonarmos qualquer saída musical, mas afinal a música nom permite abandonar, e muito menos a música galega, porque em definitivo, a música é a palavra, que é o que mais nos interessa.

No ano 1984 juntamo-nos quatro pessoas que acabamos por ser a semente d'A Quenlla. Juntos tocamos, recuperamos textos ... tudo aquilo que nom quijio fazer Fuxan os Ventos. O grupo percebeu a necessidade de incorporar vozes femininas para se enriquecer a polifonia do grupo e em pouco tempo já éramos seis ou sete. Cinco de nós prevalecemos no tempo com a mesma ideia, que se resume, em definitivo, em duas cousas: Umha, o compromisso, por meio dos textos dos poetas e a musicalizaçom da poesia de intervençom. A segunda, a recuperaçom da memória musical galega, que é fundamentalmente cantada e da qual possuimos arquivos e recolhas importantes, sobretudo polo tempo em que se fizérom. No mesmo ano de 1984, já se vê como na cena musical galega é evidente o abandono da palavra e a assunçom da interpretaçom musical exclusiva. Os grupos que ficam contribuem com neutralidade musical mas nom contribuem com mensagem. Inclusive fortalece-se toda

essa corrente favorável a umhas tendências de miscigenaçom forçada, que oculta a identidade do nosso povo, identidade que, polo menos nós, queremos recuperar.

Desde o ano 1984 até hoje A Quenlla já tirou nove discos. A musicalidade da poesia de Manuel Maria, Neira Vilas e muitos e muitas outras som o alimento artístico da nossa banda. Nós nom podemos atraiçoar é a memória e a ideia que eles e elas perpetuam nos seus poemas. Isso obriga-nos a pagar uns custos altíssimos, simplesmente polo facto de dizermos o que pensamos e de queremos ser quem somos, isto é, por defendermos que somos um país, umha naçom e que temos direito a ter o nosso espaço.

A Quenlla é o grupo galego que mais tem salientado no compromisso com o País. O boom da música galega estivo acompanhado pola perda dessa visom crítica, achais que estais isolados quanto a isso no panorama musical galego?

Nós adoptamos umha postura há muito tempo. Fazermos a música que fazemos, é a que queremos fazer sem olhar para o lado. Nom podemos estar sempre a depender de modas ou novos modos de compor ... nós sabemos fazer o que sabemos fazer. No que diz respeito a toda a gente que existe na música galega, cumpre dizer que toda a pessoa que actua num palco no nome da Galiza é um herói ou umha heroína só por esse facto. Para além desta gente, há muitos traidores e traidoras que se vendem a quem mais dá, a outras ideias, mas também formam parte da nossa pluralidade. E assim os teremos que aturar e respeitar.

Que significa para vós e para a música galega a figura do Padre Mato?

Conhecemos Xesús Mato nos anos 60, ele dirijia um coro feminino e necessitava de homens. Foi entom que subimos no carro daquele coro, ele ensinou-nos a fazer vozes e a arranjar cançons harmonizando-as, e ali, sem dar por isso, meteu-nos



no corpo o gosto pola música galega, o respeito pola música tradicional, a consciência da funçom importantíssima da palavra como modo de coesom e de expressom do nosso corpo. Essa foi a liçom magistral de Mato. Desde entom, alguns vimos a importância destes ensinamentos tam clara que em seguida nos pugemos a trabalhar, no início recolhendo apenas música, mas depois já recolhemos de tudo. Demo-nos conta que aquilo que nos tinha contado Mato era um enorme tesouro que transgredia os limites do silêncio e a oficialidade imperante. Mato também abandonou a ideia de Fuxan e posteriormente fomos nós. Congratulou-se de A Quenlla ter nascido e é um dos grandes animadores que temos para seguir nessa luta. Como bom amigo que é assume também os nossos erros.

Vós recolheis os textos de poetas e poetisas galegas e ainda a tradiçom musical do nosso povo, pensais que na Galiza estamos a perder o nosso património colectivo?

Estamos a perder um património colectivo porque as administraçons nom se preocupam em fazer um verdadeiro estudo etnográfico, e porque depois de passar por pervers-

sons da identidade como o celtismo, hoje temos em casa outra perversom como a da miscigenaçom forçada, o de querer sermos outros, sendo que na realidade o que está em causa é como podemos, antes de mais nada, sermos nós próprios. Devia haver um organismo independente que recuperasse o todo cultural da Galiza com a dignidade que a Galiza merece, e deixarmos de imitaçons e de beber em fontes alheias.

Fala-nos um pouco dos vossos projectos para o futuro.

O projecto de futuro d'A Quenlla é resistir, que já é muito, resistir para mantermos a nossa independência e pôr a nossa voz e a da Galiza no lugar que realmente merece porque temos umha cultura importantíssima que muitos rejeitam porque simplesmente a ignoram.

Umha mensagem.

Ainda que tenhamos que tocar temas tristes e silenciados, fazemo-lo com umha intencionalidade esperanzosa. Podemos resumir esta atitude com umha frase de Atahualpa Yupanqui, ao qual perguntárom numha ocasiom para que servia o frio: respondeu que servia para apreciar como é bom o calor.

Quatro metidos num carro

Xan Carlos Ánsia

A Caminho de Culharedo. O padre de Sésamo fai um novo milagre depois de morto. Quatro militantes do nacionalismo viajam juntos na tópica noite de chuva e vento. Como também é tradicional nestes casos, nom há cota feminina.

Um é socialista galego, outro continua a ser marxista e independentista, o terceiro procede do trotskismo espanhol e quem vai ao volante é social-democrata, ou antes centro-liberal. Há mais de vinte anos que todos se encontram fora das aldeias onde nascêrom, por isso, estão preocupados com a soberania alimentar e a irrecuperável perda de produçom da batata autóctone.

Um militou na primeira UPG, outro votou sempre contra a UPG, os dous que vam no banco traseiro do carro, som aliados ou adversários da UPG segundo convenha no ciclico vaivém da política institucional, listas eleitorais ou decantaçons ideológicas na moda.

Um gostava de ir com os da Esquerda Republicana. O outro com o que deixem ficar da Herri Batasuna. Os outros dous sempre defendêrom ir sozinhos, para isso de aumentar a consciência nacional, sem aparecerem como apêndices de ninguém. No momento de pôr pé em terra ainda nom tenhem concluído o que ham de votar nas eleições europeias. Som o melhor do nacionalismo galego, falando de homens, mas ninguém lles dixo isso nunca. Estãr a ir e já venhem de volta. Bautista Álvarez espera a sua homenagem numha ceia em lembrança de Moncho Valcárcel. Patriotas do século passado com música da Quenlla de fundo. Ali nom se ouviu "unidos vamos bem, separados vamos para o caralho". Noutro lugar, noutra ocasiom voltarãr a ver-se os quatro viajantes. Com certeza, nom vai ser para celebrar a vitória eleitoral de alguma das quatro ou cinco organizaçons políticas em que militam. Tampouco torcem pola mesma equipa na eliminatória entre o Corunha e o Porto. Deveremos esperar outro fim de ano para voltar a vê-los juntos.